

RelevO

julho/2022, n. 11, a. 12

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704

Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama **Enclave** e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Opicino de Canistris (1296-1353).

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 50 Caio Bulla de Carvalho; R\$ 60 Cid Brasil; Julia Guarilha; Jeferson Nunes; R\$ 65 Daniela Pinheiro Machado Kern; R\$ 70 Daniela Souza; Yasmin Wachholz; Sinara Foss; Lia Marcia Finn; Guilherme Gontijo Flores; Pedro Ivo Bernardo de Souza; Thamiris Langue; Julio Filho; Carina Lessa; André Henrique Mendes Viana; Robson Vilalba; Aline Feitosa; Raquel Senna; Luciana Pires; Rafael Waltrick; Sara Albuquerque; Christian Schwartz; Murillo H. Castex; Andressa Ledur; Vizette Seidel; Paulo Souza; Deise Warken; Matheus Guménin Barreto; Eduardo Pereira de Souza; Selma Rodrigues Andrade; Antonio C. Senkovski; Piotr Kilanowski; Hélio Parente; Anderson Pimentel; Ana Maria Vasconcelos; Thiago Braga; Elis de Castro; Maurício Requião de Sant'Ana; Paulo Moura; Afonso Nilson Barbosa; Fabiano Tadeu Grazioli; Letícia Romariz; Flavia Saut de Oliveira; Vinicius Bopprê; Jasmine Castro; Ana Pedrazani; Patrícia Karen; Sara Reis; Cleiton Galvão M. Furtado; Carlos Eduardo Ramos; Liana Salles Monteiro; Vitor de Lerbo; Guilherme Foscolo; Tiago Meira; Rejane Martins Pires; Sérgio Aral; Patricia Miranda; Guilherme Eisfeld; R\$75 Ana Lúcia Vasconcelos; R\$ 80 Renata Castro; R\$ 100 Viriato Gaspar; Filipe Natal De Gaspari; Otavio Linhares; Vera Casa Nova; Newminha Cynthia; Ane Montarroyos; R\$ 105 Pedro Arcuri; R\$135 Tiago Spack; Luiz Felipe; R\$ 140 Miguel ngelo Manassés; André Carvalho; R\$150 Elieder Corrêa da Silva; Gustavo Martins; Luciana Xavier Neves R\$ 160 Consolação Buzelin; R\$ 280 Michel Souza.

TOTAL: R\$ 6.305

ANUNCIANTES:

R\$ 320 Editora Penalux; R\$ 150 Ana Amália Alves; R\$ 100 Flávio Sanso; André Giusti; Banca Tatuí; R\$ 70 Rômulo Cardoso; R\$ 30 O Alienígena.

TOTAL: R\$ 990

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.500
Escritório: R\$ 320
Embalador: R\$ 100
Autores e ilustradores: R\$ 540
Editor-executivo: R\$ 1.200
Editor-assistente: R\$ 350
Serviços editoriais: R\$ 120
Mídias sociais: R\$ 350
Diagramação: R\$ 180
Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400
Correios: R\$ 1.930

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: **R\$ 7.295**

(-) Saídas totais: **R\$ 7.322**

(=) Resultado operacional: **-R\$ 27**

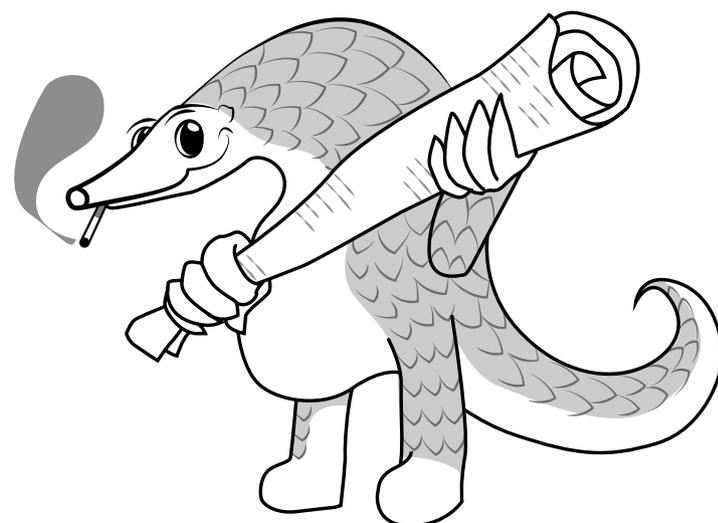
Julho/2022

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Nuno Rau
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 25 de junho de 2022.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Morgana Rech
Felipe Harmata
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

(DES)CARTAS

Ademir Demarchi Ao ensaboado editor digo que, aproveitando um tempinho livre de vírus, li algumas edições do jornal, atrasadas em leitura por imposição da quarentena com o jornal de modo a evitar que me contaminasse com algum vírus nelas contido, pude constatar como a alma desse devezenquadrário é aparentada com o Almanaque do Biotônico Fontoura, donde deduzi também que o ideal subliminarmente manifesto que me passaram essas edições é de que a cannabis seja logo legalizada no país para que o jornal tenha pontos de distribuição em afinidade. Não me confundam com o Sr. Ciro Gomes que fez insinuação de que o poeta-piada Duvivier fosse consumidor e depois disse que não disse. Pois não estou dizendo que os Srs. sejam consumidores dessa erva, ainda que o possam ser de seus extratos ou cosméticos como sabonetes, pois o que estou dizendo é que o estado mental que se lê nos textos leva a essa intuição de que se encontraria uma afinidade sem par do jornal com o efeito extasiante proporcionado pela erva, fato que resultaria nos pontos de venda um canal interessante de distribuição da erva, digo do jornal. Estranhei também a aparição (!) insistente do Sr. Marco Aurélio (de) Souza em vários lugares, muitas na lista de assinantes, como se ele, estranhamente, assinasse vários meses — p. ex., se imiscuiu em fevereiro e maio/2021; não satisfeito o tal aparece também na seção de cartas, como se não bastasse ter tido poema publicado, para, justamente, aparecer de novo agradecendo o poema publicado. Ele não tem mais o que fazer não? Considerando sua obsessão de passar a limpo a poesia paranaense, ele poderia agora ir reescrever os poemas do Dario Vellozo... Por falar em poema, esse é um aspecto do jornal que o aproxima muito do Almanaque do Biotônico, assim como do próprio xarope, com esses textos choramingados e sentimentalóides (“gotas caem como chuva”, “ir garimpar estrumes de vazio”, “Dói. mas estamos juntos regando plantinhas”, “regar as plantas dos pés”; “Quem é mau, ama com maldade”; “o céu é cheio de imortalidades... a língua é sempre doce”; “e todas as noites têm lua e todas as noites têm cigarra”; todos textos que dão o tom marcante de kitsch a esse nano-nanico curitibano chegado em colonas dóricas. A frase mais divertida dessa imersão de leituras foi “Chupa, cachorro”. Um exemplo de como tratam os jovens nesse mensalinho. Aquela balzaca passada da fase que disse isso sabe das coisas. Gostei das traduções, exceto quando vocês tentam vender essa Toni Morrison de maio/2021 como um exemplo de sapiência filosófica amorosa, logo obnubilada pelo instigante, esse sim, William Carlos Williams de fevereiro/2022. Excelente também o poema do Rafael Iotti. Outro aspecto é que adoro ver como se expressam constrangidos os ombudmans, desconfio que essa seção foi criada para a prática do bulling reverso. Mas é um fato admirável que tenham agora encontrado um que conseguiu encher uma página (maio/2022, em que só tive engulhos quando

ele tirou do embornal a expressão “passada de bastão” e a figura “jovens poetas”... ainda se ele estivesse falando de Lolitas em que se passasse o bastão...), só quero ver por quanto tempo esse Nuno Rau aguenta... Adorei quando ele usou a expressão “a aura romântica que paira”. Tente imaginar: uma aura. Uma aura romântica. Que paira. Em jovens poetas em que se passa o bastão... Ele pode não escrever nada disso, mas prometo que como leitor rebelde vou imaginar, ele não vai conseguir domar os leitores, ah isso não vai não. Talvez ele consiga algum sucesso com os editores, o que é de se duvidar, pois parecem alheios. Sob outro aspecto, são imbatíveis em informação e perspicácia os textos da **Enclave** e a descoberta do **Brazilliance** não têm preço, diferentemente do jornal. Quanto à pergunta do tal Algem Lucas, respondo: sinto muito.

UÊ?

De: Celio Borba <celioborbaxxx@gmail.com>
Date: sex., 3 de jun. de 2022 às 07:34
Subject: **Poesia**
To: <contato@jornalrelevo.com>
Enviei uma poesia mês passado, notei que não publicaram.

EITA

De: Celio Borba <celioborbaxxx@gmail.com>
Date: sex., 3 de jun. de 2022 às 15:05
Subject: **Lixo de jornal**
To: <contato@jornalrelevo.com>
?

Da redação: Celio, tivemos dificuldade de enviar uma devolutiva do seu texto, afinal você esqueceu de anexá-lo. Mas não se preocupe em fazer esse esforço agora, porque resolvemos o problema escrevendo seu poema por você. O título provisório é “Ode à Calopsita”; “meu jornal, meu jornal / do lixo ao forro de alpiste / a andorinha pega no meu...”. Aproveitamos para informar que o nosso Conselho Editorial não aprovou seu poema escrito por nós.

EM FRENTE

Julia Guarilha Estou recebendo o **Relevo** em papel e acompanhando a newsletter muito boa que vocês fazem. Adoro! Sempre tem informação interessante por lá! Parabéns pela perseverança e coragem de seguir publicando. Que venham tempos melhores para todos nós! Um abraço.

Jonathan Constantino E estamos aí, recém-lida a edição de junho. De janeiro pra cá, acho que a de abril foi a que mais gostei. Aliás, fiquei muito feliz quando vocês mandaram as edições de janeiro e fevereiro, mesmo eu tendo assinado em março. Nesta última edição, o texto do ombudsman e o reencontro com Adília Lopes foram os textos que mais me tocaram. As “Profissões mais top do agora” e “Freud” me arrancaram boas risadas. Tem sido especial e importante esse contato com a literatura por meio da curadoria de vocês. Parabéns! Sou professor de Sala de Leitura aqui no município. Estou reservando um espaço para o **Relevo** em nossa sala. Termina a leitura, o jornal fica à disposição de quem quiser se servir. Um forte abraço a todos vocês que constroem o jornal.

Nathália Gonçalves Boa noite! No mês de maio recebi sim o Jornal, inclusive vieram duas edições, né. Obrigada! Gostei muito dos três poemas de Olivia Clare Friedman, na edição de janeiro, e do texto “Estranhos na noite”, na edição de abril. Gostei das duas edições como um todo, mas esses foram os textos que mais me chamaram a atenção. :) e claro, o texto do ombudsman na edição de abril levanta questões muito pertinentes que me contemplam também, principalmente nos questionamentos sobre o que é escrever poesia. Essas perguntas também me atravessam.

Yann Duarte Estou gostando muito das leituras proporcionadas... Que venha muito mais **Relevo** pra nós!

Mayk Oliveira Boa tarde. Passando para dizer que recebi o Relevo e também para parabenizar pelo capricho desta edição. Vamos deixar a literatura rolar.

André Giusti Salve! Tudo bem? Já estou lendo a edição de junho. A seção dos leitores está especialmente engraçada este mês. Mas continuo sem receber a **Latitudes** e a **Enclave**. Sumiram da minha vida sem que eu quisesse. Corrigindo. A **Enclave** veio dia 13, é que estava em um desses grotões do e-mail. Mas a **Latitudes** continua sumida. Abraço!

Luis Gustavo Iung Dica do dia: indico o **Relevo**. Você irá se impressionar com a qualidade do trabalho deles.

Rodrigo Deda O jornal é excelente. Vocês estão de parabéns. Estamos juntos.

Sandra Godinho Gonçalves E quando você descobre que tem contista amiga e colaboradora no **Relevo**! Alegria imensa. Obrigada, Luciana Merley e Jornal por essa surpresa em dose dupla!

Luciana Merley E quando a gente vê logo cedo uma surpresa linda dessa: meu conto publicado num jornal de verdade e anunciado pela querida Sandra Godinho Gonçalves. Eu, que gosto bastante de política, não escrevo muita ficção sobre o tema. Acho que a linha tênue para a boa literatura é tênue demais. Mas, nesse caso, do “Lendo Jornal”, dei-me essa licença político-poética.

CAPA

Cesar Cruz Sou fã do Rafa Rofo. Tenho obra dele adquirida, só aguardando a reforma da casa ficar pronta para ganhar moldura e lugar nobre.

Rafael Pierri Aguardando meu primeiro **Relevo** ansiosamente.

Cefas Carvalho Começando o feriado recebendo a edição de junho do periódico literário **Relevo**.

Iata Anderson O envelope que eu amo receber.

Ágata Cruz Publicar em revistas e jornais literários é uma ótima opção para o escritor iniciante que quer ver logo o seu texto

ou livro publicado. Sabemos que a trajetória pode demorar mais do que gostaríamos. Por isso é importante estar em movimento.

Thassio Ferreira O Jornal demora a chegar, eu demoro a ler, mas sempre vale a pena ♥♥ (e a assinatura é baratinha, viu?! Recomendando)

Amanda Ribeiro s.e.m. c.h.ã.o. com a poesia de Laura Gilpin, traduzida por Hélio Parente, na edição de junho do Jornal.

Alex Zenit Relato pessoal e curioso e deveras interessante. Estava eu, pleno e belo, no Dia dos Namorados, em um restaurante em Brasília com a minha companheira (que, diga-se de passagem, fiquei sabendo que a última coisa que devo presenteá-la é com a assinatura do jornal, devido aos históricos tristes relatados após tal feito) quando de repente recebo meu prato e, junto com ele, um guardanapo de papel muito bonito. Até aí parece um relato comum de um casal esfomeado e apaixonado. Mas lhe afirmo que não, uma vez que o restaurante em questão se chama PARIS 6 e o guardanapo de papel havia uma belíssima estampa em relevo escrita RELEVO. Muita coincidência, não? A essa altura do campeonato, na mesa, mediante meu bife mal passado, minha única reação foi sorrir, concluir e ficar feliz pelo **Relevo** estar expandindo seus negócios e atuando em restaurantes franceses, conhecendo novos mercados para além do jornal impresso e para além de Botucatu. Também estamos pensando em expandir o portal Fazia Poesia para novos ramos, imprimindo versos de poemas em papel higiênico. Me falaram que tem mercado, mas não é muito limpo. Não sei... Enfim, vida longa às coincidências da vida!

ASSINEM AÍ

Gisela Biacchi Jornal que vale cada minuto de leitura, publica ilustrações e textos literários de qualidade. O **Relevo** é especial e encantador. Sabe quanto custa a assinatura? 70 pila, por ano. Por ano!

UMA CONVERSA

Jornal Relevo Juliana, tudo bem? Que acha da ideia de assinar o **Relevo**?

Juliana Esteves Oi, tudo bom? Recentemente fui assaltada. Então, neste momento, estou organizando uma rifa para arrecadar um valor para conseguir comprar um aparelho novo.

EDITORIAL

Não existe jornal sem conflito / não há motivos para existir jornal sem humor

APOIADORES



Não existe jornal sem conflito.

Uma das principais noções de existência que carregamos da nossa inserção no meio literário é que fazemos escolhas o tempo todo, principalmente do que não queremos. Partícipe da natureza analógica, não podemos (nem queremos) escolher todos. Não podemos escolher metade. Não vamos escolher nem 2% do que recebemos.

À primeira vista, pode parecer um exercício de prepotência – e um método criativo de carteiraço – antes de o(a) escritor(a) manifestar seu descontentamento com a falta de retorno do material enviado em 2020. Mas definitivamente não se trata de salto alto. Não temos qualquer anseio de cânone, muito menos de ilusão de importância (“o jornal que você *precisa* ler para *entender* o mundo hoje”).

Em média, recebemos 400 textos por mês, portanto cerca de cinco mil textos por ano. Temos 24 páginas e no máximo dez colaboradores por edição, desconsiderando colunas fixas, da casa, como as centrais, o ombudsman, a **Enclave** e a **Braziliance**. Quem sabe, um formato especial da **Latitudes** (nossa *newsletter* exclusiva para assinantes, voltada a concursos literários, editais e cursos de literatura) também comece a circular no impresso. Então, com o espaço que temos, publicamos apenas 120 autores e autoras por ano.

Não escolher 98% dos textos que recebemos gera ruído. Deste percentual de 100% de não escolhidos, temos: assinantes do Jornal; escritores que fazem questão de reforçar que estudaram na USP; indicações de amigos; nórias; antigos colaboradores com potencial; gente nova em busca de espaço no ecossistema literário; picaretas conhecidos desde o início da nossa circulação etc.

Para evitarmos mais ruído (e também por falta de braço), não damos retorno específico, detalhando a recusa. Há alguns anos, tentamos isso – não durou dois meses (principalmente por falta de braço). Hoje, com um processo mais maduro, nem achamos que deveríamos fazê-lo. A presente edição, de julho de 2022, por exemplo, está repleta de textos sobre morte e misticismo, com um viés de humor estranho em textos nos arredores deste eixo temático. Não faria sentido dizer: “Pena que o seu texto sobre escritor corno fumando em um bar não foi selecionado agora”.

[Em nossa seção Publique, do site do Jornal, ainda manifestamos nossa preguiça geral com “escritor triste escrevendo sobre escrever”, “poema sobre o valor da poesia” e “meu amor não correspondido acaba de sair pela porta”. Isso não significa que materiais dessa natureza serão automaticamente piores e/ou recusados].

Não há motivos para existir jornal sem humor.

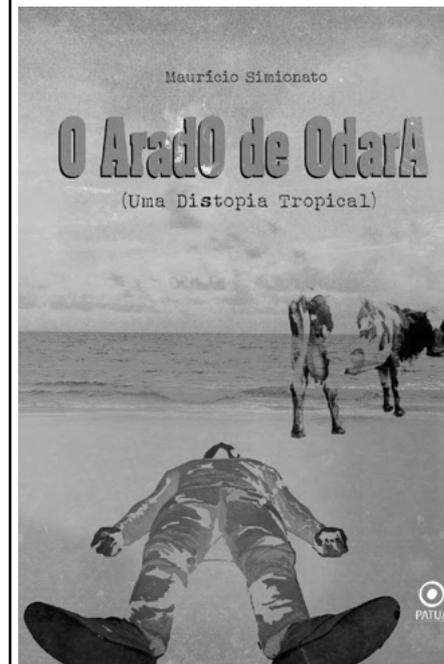
Para o **RelevO**, é o humor que acende a vela necessária para sobreviver aos espasmos de escuridão. É o humor que mantém acesa a loucura e a impossibilidade. O humor desarma, desprende, pisa nas convicções. Rir de modo inesperado é uma das únicas experiências ainda válidas em qualquer modo de convivência humana. O humor, inclusive, nos auxilia a lidar com o próprio meio em que estamos inseridos.

Gabriel García Márquez dizia: “Todo mundo tem três vidas: a vida pública, a vida privada e a vida secreta. A vida privada é só para convidados. A vida secreta não é da conta de ninguém”. O **RelevO**, em seu protocolo institucional *gauche*, faz o possível para transparecer suas ações. Mas sabemos de nossos segredos. Por exemplo, não divulgamos quem pertence ao nosso Conselho Editorial de avaliação de textos. Podem ser quatro, podem ser três, podem ser dois, e pode ser que um dia não seja ninguém — um dia que esperamos que demore para chegar. O que queremos, ao fim e ao cabo, é entregar um jornal interessante de se ler (sem desconsiderar todas as implicações disso).

Uma boa leitura a todos.

O *Arado de Odara*, de Maurício Simionato, equivale a um passeio pelas várias possibilidades e modos de expressão da poesia contemporânea brasileira; em especial, daquela realizada pelos novos autores que aliam a inquietação, o inconformismo em face da “distopia tropical”, à intensa sensibilidade lírica.

Claudio Willer



“O Arado de Odara, arrisco dizer, propõe-se a realizar um manifesto sócio-político-poético da atualidade. Maurício Simionato assopra a poeira do mundo por meio do verbo, com o olhar sensível aos detalhes presos nos fenômenos e nos acontecimentos atuais. Cada frame dessa distopia está catalogado, entrecruzado à musicalidade das movimentações – corpóreas e de pensamento – do homem”,

Amanda Vital,
poeta e editora

Maurício Simionato é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesias “Impermanência” (2012, selecionado pela Secretaria de Cultura de Campinas) e “Sobre Auroras e Crepúsculos” (2017, Multifoco), este último lançado na Bienal de Literatura do Rio/2017.

OMBUDSMAN

Nuno Rau

O FIM DO FIM DA HISTÓRIA, A MORTE DA MORTE DO AUTOR ou: o poeta que virou suco.

O pós-modernismo surgiu assim como uma espécie de apocalipse incontornável que se abateu sobre o mundo a reboque do neoliberalismo selvagem, e decorado não raras vezes por colunas e frontões escaneados de templos gregos da Antiguidade convertidos ao rés da banalidade absoluta de historicismos desvairados. Numa espécie de ópera-bufa desvairada e formalista, profissionais da arquitetura saíram decalcando esses frontões e colunas dóricas ou jônicas em fachadas de todo tipo de construção – escolas, bancos, estações, residências, shopping-centers etc. Quando todos pensávamos que não havia mais por onde piorar esse desastre, surgiu a fachada padrão das lojas Havan, acrescidas ainda com a cereja do bolo da degeneração estética terceiro-mundista: réplicas da estátua da liberdade em lugar de destaque de sua implantação (do mesmo modo não adiantou Francis Fukuyama preconizar o fim da História, porque as Torres Gêmeas foram ao chão, a Ucrânia segue em guerra por uma disputa entre duas potências imperialistas, e tudo o mais que aconteceu entre esses dois eventos).

Não se se vocês também sentem que quase tudo que vem na esteira do que se convencionou chamar de pós-modernismo soa como uma espécie de vale-tudo, de diluição, repetição insossa; pra mim tem esse gosto, e não importa muito como a gente chame, se de pós-modernidade, tardo-modernidade, hiper-modernidade, ficando tudo pior quando a gente olha em torno e sente que o século 19 pode não ter acabado ainda, que podemos estar presos numa espécie de looping histórico em que fatos e estéticas se repetem numa espécie de série perversa, sensação que fica pior porque vem no bojo de discursos de elogio ao “novo” (parece até aquele partido que leva esse nome, que de novo nada tem, é a velha política das oligarquias numa embalagem edulcorada).

Na literatura esse fenômeno tem muitas faces, e quase todas passam por um completo desconhecimento da História e da tradição. Pois é, esta última palavra é particularmente problemática, mais ainda se for pensada sob a perspectiva do anjo benjaminiano, já que toda tradição está vinculada a um tempo que não passa de catástrofe, espécie de

maldição que – não se enganem – atinge também a nós, que problematizamos tudo, das relações à comida, passando pelas definições de poesia e literatura, e talvez tenhamos nos perdido num labirinto de problematizações de tal modo capilarizado que não possibilita a reunião de tudo numa grande frente de real renovação dos modos de vida. Fosse diferente, é provável que não estivéssemos engolfados numa onda reacionária e no aperfeiçoamento constante do receituário do sistema para captura de nossos melhores esforços por uma financeirização e uma mercantilização selvagens. Onde a reação para esse estado de coisas? O que pode a literatura, o que pode a poesia contra toda essa depauperação de nossas esperanças?

De digressão em digressão sai, como de costume, do assunto principal: as muitas faces de uma certa diluição na produção literária, e sua possível explicação pelo desconhecimento do que já foi feito. Nos últimos dias um meme circulou bastante pelas redes sociais, e ele, em sua aparente despretensão, explica muita coisa. A cena é a seguinte: um homem vestindo um uniforme militar está de mãos para o alto, rendido pelo que aparenta ser uma patrulha do exército inimigo, que aponta fuzis para o desafortunado. Então ele grita “Não disparem, sou poeta!”, e alguém da patrulha responde: “Prove!”. A resposta é mais ou menos um retrato de parte da produção que circula nas redes:

“Não
disparem
sou
poeta!”

A questão se funda no que pode fazer de um poema um poema. O século 20, no processo mais do que necessário de questionamento de regras esvaziadas, foi pródigo em declarações bombásticas que, se tomadas integralmente a sério, levam ao polo oposto, um vale-tudo sem margens. Exemplo disso é a declaração de Mário de Andrade (uma figura que acho que ainda precisa de mais estudo para que sua luta pela cultura seja compreendida) sobre a natureza do conto: “Conto é tudo o que o autor chamar de

conto”. A liberdade que essa declaração pressupõe permite muita produção interessante, que por critérios clássicos seria recusada, mas toda liberdade pressupõe, do mesmo modo, o bom uso, a não incursão no que chamei de vale-tudo, e isso, penso, está numa entrelinha não dita – mas pensada – por Mário. Voltando ao meme: o que ele mostra é aquilo que tem sido chamado, em muitas postagens pelas redes afora, de “empilhamento”: o verso acaba sem razão aparente, sem nada que explique a versura, e segue na linha seguinte para realizar a mesma façanha do sem-sentido. Ou seja, todo o desenvolvimento de técnicas, das quais o enjambement é apenas um exemplo, parece desconhecido, ou é desconhecido mesmo, e aí toda a aventura de escrita das gerações anteriores fica relegada ao desprezo, a uma zona de sombra, tendo como resultado que cada vez temos menos ferramentas de leitura e interpretação do que é escrito.

Existe, no entanto, um outro polo na produção de hoje, que é a de poetas que conhecem muito sobre versificação, métrica, ritmo, todas as questões técnicas do verso, enfim, mas cuja produção parece não ter se descolado do século 19. Se colocarmos os poemas de “Claro Enigma”, de Drummond, (ou do “Livro de Sonetos”, de Jorge de Lima, ou de “Siciliana” de Murilo Mendes”, entre outros exemplos), ao lado desta parte da produção contemporânea, esses poemas novos soam a naftalina, são como aquelas construções em que se apõem frontões e colunas gregas, sem agregar significado algum. Nesse momento o tempo se embaralha, e penso em Drummond, Jorge e Murilo como “jovens há mais tempo”, torcendo para jogar nesse time, rezando pra que as musas me protejam da água diluída do empilhamento, e da técnica vazia de poemas pomposos e engalanados que não dizem nada.

Paul Valéry conta a seguinte história, que costuma ser muito repetida por aí: certo dia o pintor Degas comentou com Mallarmé, seu amigo, que tinha boas ideias, mas que não conseguia fazer bons poemas. Mallarmé, teria respondido que poemas não se faziam com ideias, mas com palavras. Penso que se Mallarmé soubesse como sua frase seria deturpada décadas afora,

teria apenas silenciado diante de Degas. O que Mallarmé quis dizer, por óbvio, é que para escrever poemas é preciso que ideias, boas ideias, sejam materializadas em palavras, e que, para isso, é preciso dominar um código específico, diferente daquele dominado por Degas, e muito bem, para a pintura. É deste domínio que falo, domínio que foi muito afetado pela má incorporação dos avanços das vanguardas históricas – mas isso é outro papo. Uma coisa deve estar soando estranha a vocês: o último número do Jornal trouxe apenas um poema de autora brasileira, o interessante “Talhar na nódoa um precipício”, de Ana Maria Vasconcelos, e estou aqui me estendendo sobre o que seja e o que não seja poesia....

Houve uma compensação, por certo, que foram os dois conjuntos de traduções publicados – os de Adam Zagajewski, Vasil Stus e Serhyi Zhandan, traduzidos por Piotr Kilanowski, e os de Laura Gilpin, traduzidos por Hélio Parente –, além da estreia do acervo da revista Escamandro, trazendo nessa estreia um texto de Guilherme Gontijo Flores sobre Adília Lopes, acompanhado de alguns poemas (há também o flash em três versos de Helena Kolody na contracapa). Esses três conjuntos, bem como o poema de Ana Maria Vasconcelos, provam que a tese de Mallarmé é muito mais ampla do que a redução de um poema ao jogo de palavras. A mesma coisa pode ser dita a respeito da prosa, e o conto de Paulo Moura também comprova isso, mostrando o desenrolar do desespero de um dos personagens diante da constatação de que quase tudo num relacionamento é fluidez e movimento.

Pensando bem, acho que este ombudsman queria se queixar de só haver um poema de poeta brasileiro contemporâneo na edição de junho, por mais que se divirta com os textos de humor – “Profissões mais top do agora” e “Relevo Turismo” –, e curta a nostalgia das colunas **Enclave** e **Brazilliance**. Talvez um pouco mais de poesia e ficção, que ficou restrita aos contos de Paulo Moura e de Nathália Fernandes, se afinasse com a potência de **Relevo**, que, penso, é mais do que fundada nessa divulgação.

Primavera ao sol

Luis Felipe Mendes dos Santos

Ansiava o início da primavera quando veio a notícia da doença. Nem vi as flores, fui hospitalizado e acamado de imediato. Minha família afligiu-se. Os vizinhos, colegas e amigos também logo souberam. Parentes do interior enviaram as imprescindíveis e derradeiras mensagens. Dizia-se, em toda parte, que eu era *bom pai, bom marido, uma pessoa amena, um cara família*.

Lembro da minha filha – ainda abaladíssima pelo fim de um namoro – chorando baixinho ao meu leito. Fones de ouvidos. Celular na mão. Minha mulher, com sua figura de pedra, limitava-se a dizer a quem fosse possível *malditos médicos, minha mãezinha morreu nesse mesmo hospital*. Palavras que eu ouvia e por certo não eram as mais confortantes para quem estava às vésperas de morrer.

Da descoberta da doença à morte correram apenas dois meses. No velório, além da família, alguns colegas de trabalho e vizinhos. Admito que estranhei certas ausências – e presenças, especialmente, mas não lhes tiro a razão: eu não faltaria ao velório de quem ousasse morrer numa ensolarada tarde de primavera. Entre as presenças estranhas destacava-se tia Zélia. Trazia ao velório minha melhor história: conta-

va, a quem pudesse, que eu nascera de cinco meses e vinte e nove dias. *Um verdadeiro milagre!* Uns, ao escutarem a história, diziam coisas do tipo *era de tanta vontade que queria vir ao mundo*. E, quando tia Zélia virava as costas, completavam coisas do tipo *por isso tinha aquela cara adoentada. Coitado. Olha ali, nem mudou nada*.

O que mais me causou surpresa de início aqui do outro lado, era saber que permanecia na terra. Poderia ficar ao lado da minha filha, ver minha esposa, segui-las. Na hora em que morri, aguardei uma luz, trevas, um anjo, acordar em outro lugar – e nada. Levantei como de um sono leve e podia caminhar.

Nos primeiros meses me restringi à casa. Compadeci e em seguida enfatiei das lamentações familiares, o que também logo passou. Elas recebiam visitas. As pessoas vinham e partiam iguais: rostos compungidos, dos quais, com certo esforço, saíam até algumas lágrimas. Depois veio a calma da solidão. Finalmente tornou-se comum ver minha esposa em volta com suas telenovelas e minha filha sentada ao computador.

Mas defunto também sente tédio, então fui pegar um ar: saí até o cor-

redor. Não sendo suficiente e vendo uma porta aberta e que dali vinha uma passagem de ar, enfiei a cabeça. Foi então que aconteceu. Tropecei na soleira da porta e me vi em pé no meio da sala de estar. Eu, que nunca fora de cuidar da vida dos outros, me via infiltrado da intimidade de pessoas a que antes só cacarejava um *bom dia* nos corredores. Digo que a experiência foi constrangedora, de início. Logo visitei outras casas e isso passou. A morte ganhava sentido: descobri que a bonita do 405 sustentava um caso com o vizinho do 106, que, por sua vez, tinha acabado de descobrir que seria pai, num envolvimento infeliz com a adolescente do 206. Sim, às vezes era melhor estar morto. O síndico, por sua vez, desviava o dinheiro do prédio para acumular obras de arte. Em geral, peças de natureza-morta – de péssimo gosto, aliás.

Depois de girar pelos vizinhos e já cansado de tantas fraudes, fui rondar a cidade. Andei por museus, monumentos, praças, shoppings, tomei ônibus turístico. Tudo tão novo. Não tinha reparado a cidade por aquele ângulo – de morto. Delícia passear solitário. Se alguém aborrecia com os assuntos, eu trocava de assento, mudava de calçada

ou cantarolava aos berros um refrão num inglês trôpego:

*Sad songs, they say
Sad songs, they say
Sad songs, they say
Sad songs, they say so much*

Quanta vida perdera em vida. Já-mais saíra para longe. Um morto cidadão. Chegava a hora de conhecer o mundo. Voltei à minha casa, vi minha esposa mergulhada no sofá, minha filha submersa na internet e saí porta a fora. Não escutariam um tchau, de toda forma, já tentara antes.

Andei o país. Vi praias deslumbrantes, cenários diferentes, povos e falas tão diversas. Cheguei a acreditar que não estivesse na terrinha. Depois subi mais. No início, veio a confusão de línguas, depois habituei a não compreender. Eu, que em vida nunca fora de falar muito, parei totalmente quando morto. Bastava pensar.

Fui à Europa. Lugar mais lindo que na televisão. Na Suécia – e como o que mais tinha era tempo –, me dei ao trabalho de procurar lixo nas ruas. Nada. Uma bituca de cigarro sequer. Os povos viviam em paz, a despeito das caras esmaecidas e áridas. Pensei



Mulher. Mulheres. Plurais. Em um mundo dominado por homens, elas são silenciadas. Mas resistem. Sua submissão se dá somente até o momento em que reencontram o seu instinto mais primitivo de sobrevivência. Em Vinha d'Alho, o horror é marcado por agressões, suicídios, envenenamentos, um mundo fictício que desvela o lado mais sombrio da humanidade. Esta obra traz as muitas faces de uma mulher, as múltiplas versões de todas as mulheres, seus pedaços e seus ímpetos, o plural de fêmeas. Das fêmeas.

O livro Plural de Fêmeas pode ser adquirido na Editora Bestiário
www.bestiario.com.br/livros/plural_de_femeas.html

ou direto com a autora.
www.sinarafoss.com.br
www.instagram.com/sinarafoss/

que no meu país se sorri por nada. Conheci a África, um povo alegre. Fiquei encantado com as praias do Senegal. Fui à Oceania, andei pelos polos e finalmente à Ásia. Tinha muito tempo. Não faria isso em vida, nem que vivesse séculos.

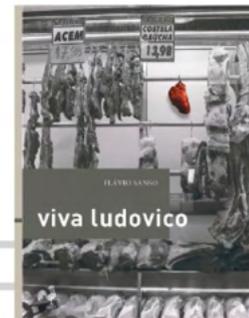
Andei anos nesse vagar.

Um dia, enquanto me deliciava com o espetáculo que marcava o fim da floração do *Sakurá*, vi uma orientalinha que sorria em meio a uma chuva de pétalas rosa. Foi o que bastou para lembrar a minha filha. Deixei a nostalgia invadir, recordei ela indo para a escola, mochilinha nas costas, um *tchau* de braço inteiro. Chegava a hora de voltar para casa. *Arrivederci*, mundo!

Retornei em meio ao equinócio de outono no Hemisfério Sul. Voltava com a alma (palavra que conhecia, finalmente, no sentido completo) diversificada: conhecia as diferentes gradações do mundo, do refinamento pleno às dores que julgava incapaz o ser humano suportar; reconhecia línguas, apesar de não compreendê-las bem. Levaria uma vida diferente – se tivesse uma. Aprendi a perceber o mesclar das cores numa tela, o compasso que pode unir uma composição de Haydn ao som de um atabaque, a sentir o aroma

de uma flor nem sempre bela. Estando morto, deixara de ser um espírito insosso. Ou seja, era alguém vivo em morte. Redefini minhas características de antes: além de cidadão, fora um vivo caipira, incapaz de ir além da minha cerca, que nunca capinara além do meu roçado.

A porta da minha casa estava aberta. Parei à soleira. No interior vi um desconhecido muito jovem e risonho. Minha filha e ele trocavam carícias. Logo em seguida, senti uma presença carregada no corredor. Embora não precisasse, abri espaço. Minha mulher cruzou rápida e esbaforida. As mãos tomadas de sacolas: *a pensão do teu pai não dá mais para comprar nada. Olha as sacolinhas. Uma miséria.*



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse
flaviosanso.com

Jacek Podsiadło, Vasyl Symonenko e Irina Ratuchínskaia

Tradução de Piotr Kilanowski

Jacek Podsiadło (1964) é poeta polonês, ganhador de inúmeros prêmios, entre eles: Prêmio Georg Trakl (1994), Prêmio da Fundação Kościelski (1998), Prêmio Czesław Miłosz (2000), Prêmio Wisława Szymborska (2015) e Prêmio Silesius (2015 e 2017). Anarquista, pacifista, oponente da opressão do Estado em suas variadas manifestações. O poema foi publicado no Facebook do autor em 26 de fevereiro de 2022. Desde o início da invasão russa, o poeta ativamente atua em prol da Ucrânia, ele mesmo recolhendo e levando a ajuda humanitária para esse país e auxiliando no transporte dos refugiados de lá para a Polônia.

Nunca mais será tal como quando a conheci.
Ficando de lado, como alguém novo na turma,
mas sedenta de vida, confiante como uma criança.
Me lembro como corria ao lado, curiosa olhando minha bicicleta.
Como pacientemente me ensinava palavras estranhamente familiares.
Cheia de feridas, treme e tem espuma na boca.
Se transformará na louca exemplar de periferia,
os vagabundos da vizinhança vão cuspir no seu território
e ela seguirá chorando ainda quando mais ninguém lembrar
o que pranteia e por que está estragando o clima desse jeito
nessa parte da Europa e ainda num pedaço da Ásia.
Ó história, se for por ironia
que você mandou um ex-comediante
crescer até o papel de Hamlet e ele foi o único que deu conta,
então você está redondamente enganada e vai pra Putin que te pariu,
vai se fuder, como dizem os marinheiros.
A Polônia semi-agachada,
a Suábia num culote sexy, a França com a tatuagem Liberté (no traseiro, onde ninguém vê),
a Holanda depressiva,
a Inglaterra rabugenta, então empinando de leve o rabo,
a América em sentenças sobre a Liberdade ser como ouro –
debaixo da mesa de negociações puxando o negócio do Putin,
votando quem e em que ordem e com qual sanção sofisticada,
e ela quando cai, se eleva acima de si,
livre de todas as ironias, agora fiel apenas a si mesma,
intimidada pela sua dor, gemendo baixinho
como uma cadela espancada com cassetetes pelos garotos na praça principal,
ainda bela, chtche ne vmerla[1],
não humilhada, a única
e apenas um pouco espantada, a traída
Ucrânia.

Już nigdy nie będzie taka, jaką ją poznałem.
Trzymająca się z boku jak ktoś nowy w klasie,
ale spragniona życia, po dziecięcemu ufna.
Pamiętam jak biegła obok, ciekawa mojego roweru.
Jak mnie cierpliwie uczyła dziwnie znajomych słów.
Poraniona, dygocze i ma na ustach pianę.
Zostanie emblematyczną wariatką z peryferii,
obszczymury z sąsiedztwa będą pluć na jej teren
a płakać będzie jeszcze, gdy nikt nie będzie pamiętał,
co ona oplakuje, czemu tak psuje nastrój
w tej części Europy i jeszcze w kawałku Azji.
Jeżeli, historio, to ma być ironia,
że do roli Hamleta kazałaś dorosnąć
byłemu komikowi i on jeden podołał,
to mylisz się grubo i idź w pizdu na chuj,
jak mówią marynarze. Polska w swym półprzysiadzie,
Szwabia w seksownych pludrach, Francja z wytatuowanym
na zadzie, gdzie nikt nie widzi, Liberté, depresyjna Holandia,
Anglia naburmuszona, lekko zatem wypięta,
Ameryka w sentencjach o Wolności jak złoto –
pod stołem rokowań kroczą do krocza Putina,
głosując, która po kim i którą wykwinną sankcją,
a ona, kiedy upada, wznosi się ponad siebie,
wolna od wszystkich ironii, wierna już tylko sobie,
onieśmielona swym bólem, pojękując cicho
jak suka tłuczona pałami przez chłopców na głównym placu,
jeszcze piękna, szcze ne wmerła, nieupodlona, jedyna
i tylko trochę zdziwiona, zdradzona Ukraina.

[1] Transliteração da parte do título do hino da Ucrânia, que era sua primeira linha na versão original – Ще не вмерла Україна – A Ucrânia não morreu ainda.

O colega de turma

Sonhei hoje um sonho estranho:
Serei fuzilada ao amanhecer.
Estou sentada no porão de concreto,
E do porão não se vê o amanhecer.
Aparece meu colega de turma.
Sentávamos na mesma carteira,
Colávamos um do outro nas provas,
E soltávamos pipas de papel
(É verdade, elas nunca voejavam...)
O colega de turma diz:
- Boa noite.
Que má sorte a tua. Sinto muito.
Fuzilar – é tão desumano.
Sempre optei por medidas mais leves.
Mas ninguém chegou a me perguntar,
Deram a arma e para cá me mandaram.
Você sabe, eu tenho família.
Mulher, filhos: menino e menina.
Eu posso te mostrar as fotos...
A filhota não é a minha cara?
Você entende, tenho mãe idosa,
Não vou arriscar sua saúde.
Recebemos um apê, faz pouco tempo.
Com banheiro de azulejos cor de rosa.
E a mulher quer uma máquina de lavar.
Nada posso fazer... É inútil...
Dá na mesma, não vamos mudar nada.
E ganhei uma passagem pra Criméia.
E pra você, tanto faz... no amanhecer...
Se não fosse eu, seria um outro,
Poderia ser algum estranho.
E nós juntos estudávamos na escola
E soltávamos pipas de papel.
Você nem consegue imaginar
Como peno, mas o que eu posso fazer?
Depois sempre sofro horrores,
Na semana passada, imagina,
Fiquei até com um cabelo grisalho.
Mas você entende, é trabalho...
Consternado me olha as algemas,
E tem medo de encontrar o meu olhar.
E do porão não se vê o amanhecer.
Mas decerto ele já está começando,
E no céu, varrido pelos ventos,
Caem tortas
as pipas
de papel.
Ele saca sua arma apreensivo
Fecha os olhos e atira às minhas costas.

ОДНОКЛАССНИК

Странный сон приснился мне сегодня:
Расстрелять меня должны на рассвете.
И сижу я в бетонном подвале,
А рассвета из подвала не видно.
И является мой одноклассник.
Мы сидели с ним за одной партией,
И катали друг у друга задание,
И пускали бумажного змея
(Правда, он не взлетел почему-то...)
Одноклассник говорит:
- Добрый вечер.
Как тебе не повезло. Очень жалко.
Ведь расстрел - это так негуманно.
Я всегда был за мягкие меры.
Но меня не спросили почему-то,
Сразу дали пистолет и прислали.
Я ведь не один, а с семьёю.
У меня жена и дети: сын и дочка.
Вот, могу показать фотографии...
Правда, дочка на меня похожа?
Понимаешь, у меня старуха-мама,
Мне нельзя рисковать её здоровьем.
Нам недавно дали новую квартиру,
В ванной - розовые кафельные стены.
А жена хочет стиральную машину.
Я ведь не могу... И бесполезно...
Всё равно мы ничего не изменим.
А у меня путёвка в Крым, в санаторий.
Ведь тебя же всё равно... на рассвете.
Не меня бы прислали, так другого,
Может быть, чужого человека.
А ведь мы с тобой вместе учились
И пускали бумажного змея.
Ты представить себе не можешь,
Как мне тяжело... Но что делать?
Я всегда переживаю ужасно,
У меня на прошлой неделе
Появился даже седой волос.
Ты ведь понимаешь... работа!
И смущённо смотрит на манжеты,
И боится со мной встретиться взглядом.
А рассвета из подвала не видно,
Но, наверно, он уже наступает,
И в растрёпанном ветрами небе
Косо падают
бумажные
змеи.
И тогда он пистолет берёт с опаской
И, зажмурившись, стреляет мне в спину.

Irina Ratuchínskaia (Ирина Борисовна Ратушинская) (1954–2017) foi poeta e dissidente russa. Nasceu na cidade multiétnica de Odessa, hoje Ucrânia, numa família de poloneses russificados. Optou por idioma e cultura russos por ser fascinada pelos poetas como Pasternak, Tzvetáeva ou Blok. Perseguida por ser poeta e defensora de liberdade, foi prisioneira de campos de concentração soviéticos, libertada por pressões dos intelectuais ocidentais na véspera de acordos de encontro entre Reagan e Gorbachev em Reykjavik, sendo exilada na sequência. O poema traduzido abaixo além de refletir a vida dentro de um país de “algozes algozados”, como disse Vasyl Stus, onde uma parte da população perseguia a outra, mesmo vendo-se como uma vítima do sistema, pode ganhar sentidos inesperados quando lido hoje. De um lado, os desobedientes e independentes ucranianos e, do outro, os russos, algozes e vítimas do sistema encontram-se hoje nos dois lados da frente de batalha. Povos que gostavam de se ver como irmãos repetem hoje a mesma velha história de Abel e Caim.

Vasyl Symonenko (Василь Симоненко) (1935– 1963) foi um poeta ucraniano, jornalista e dissidente. Morreu jovem devido a complicações depois de ser espancado por membros da polícia secreta soviética. Sua poesia é simples e profunda. Embora possa por vezes parecer ingênua, une a lírica com um recado político. O poema a seguir, um dos mais famosos escritos por Symonenko, ao mesmo tempo em que parece universal, é também um protesto contra a coletivização forçada da vida e a negação da importância de viver como um indivíduo (como escreveu Maiakovski: “um indivíduo – quem dele precisa?”). Na União Soviética, o indivíduo contava apenas como um integrante do coletivo, do partido e não tinha direito à vida pessoal.

Você sabe que é um vivente?

Você sabe que é um vivente?
Você sabe disso ou não?
Seu sorriso é único entre gente,
Seu sofrer é único entre gente,
Únicos, os seus olhos são.

Amanhã você não estará
Mais nessa terra graciosa
Pessoas diferentes andarão
Pessoas diferentes amarão
Boas, ruins ou amorosas.

Hoje tudo está aqui pra você
Lago e estepe e pomar
Ter pressa de viver é dever,
Ter pressa de amar é dever —
Cuidado, não deixe passar!

Pois você é nessa terra um vivente
Queira você isso ou não —
Seu sorriso é único entre gente,
Seu sofrer é único entre gente,
Únicos, os seus olhos são.

Ти знаєш, що ти — людина?

Ти знаєш, що ти — людина?
Ти знаєш про це чи ні?
Усмішка твоя — єдина,
Мука твоя — єдина,
Очі твої — одні.

Більше тебе не буде.
Завтра на цій землі
Інші ходитимуть люди,
Інші кохатимуть люди —
Добрі, ласкаві й злі.

Сьогодні усе для тебе —
Озера, гаї, степи.
І жити спішити треба,
Кохати спішити треба —
Гляди ж не проспи!

Бо ти на землі — людина,
І хочеш того чи ні —
Усмішка твоя — єдина,
Мука твоя — єдина,
Очі твої — одні.

O amante fantasma

Fernanda Mellvee

Dias antes do casamento, ela concordou com a única exigência do marido, mesmo considerando-a descabida: pediria demissão. No intervalo entre as refeições, ela se esmerava em arrumar os pequenos cômodos, ainda que não houvesse tempo para qualquer resquício de desordem.

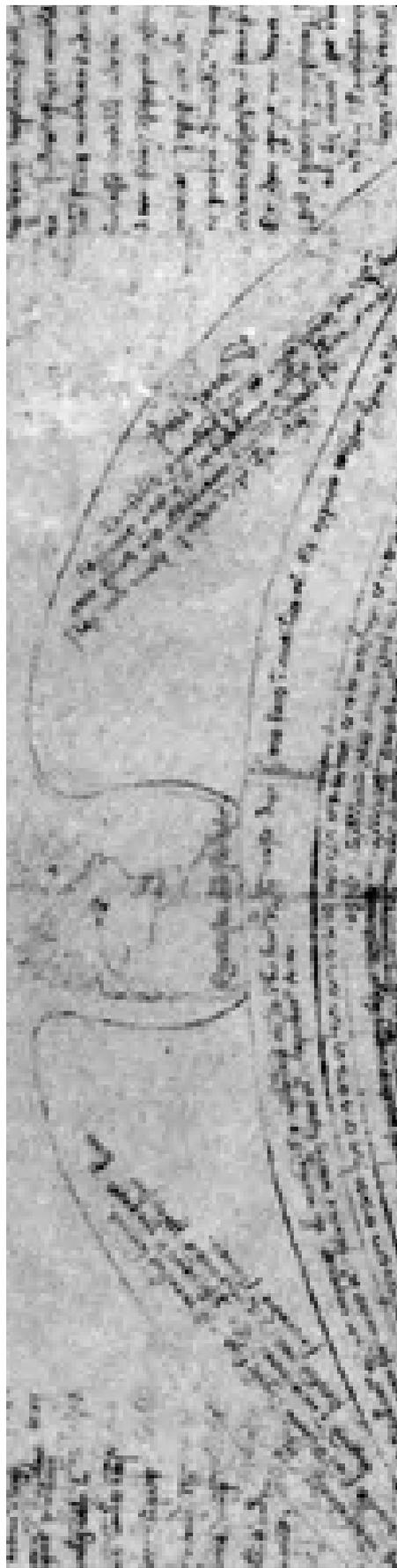
Às vésperas de completar um ano de união, o casal mudou-se para uma casa espaçosa, de três quartos, até com dependência para empregada — como a esposa repetia orgulhosa, sem se importar com a vista melancólica da pracinha abandonada. A residência tinha, também, a vantagem imbatível de ter sido comprada por um valor muito abaixo do esperado e, embora necessitando de reformas, o novo lar era sob medida para a realização do sonho da casa própria.

— É o lugar perfeito para criar os filhos — a esposa não se cansava de afirmar ao marido, enquanto ele exaltava as medidas do terreno: — Dá para fazer um jardim ou até um pomar.

Nem o silêncio das visitas ecoando entre as tábuas crivadas de cupim desanimava o casal. Que reforma fariam! Teriam trabalho, mas teriam a melhor casa. O marido orgulhava-se da tranquilidade da vizinhança: — Tem dias que não passa uma viva alma por aqui.

O homem era só felicidade, aquela alegria juvenil diante do “felizes para sempre”. Ele passava os dias em casa, fizera de um dos quartos um pequeno escritório onde revisava suas notas numa paz de monge. O trabalho solitário era tão proveitoso que a cada dia era possível terminá-lo mais cedo, para atender ao convite do sofá velho e macio no canto do cômodo.

A esposa dedicava-se a encerar o assoalho, pois madeira velha necessita de muito esmero para brilhar como nova. Aproveitava os dias ensolarados: — Pátio grande, bom pra secar roupa — às vezes abandonava-se entre as toalhas e camisas esvoaçantes sob a claridade, para sentir no rosto o sol e o vento. — É bas-



tante serviço na casa nova — consolava-se quando pensava nas idas ao cinema e nas caminhadas de fim de tarde que dividiam o mesmo território do passado com o apartamento de um quarto no centro da cidade.

O marido, alheio às coisas que não eram números e notas, não sentia o frio da sala. O odor bolorento do papel de parede do escritório não o incomodava, contanto que o sofá estivesse em seu devido lugar e, sobre ele, o cobertor puído e aconchegante herdado da cama de solteiro. Os anos passavam. Os filhos não vinham.

— Quem sabe se eu arrumasse um emprego tu não ficarias assim tão sobrecarregado? — Perguntou a mulher servindo o café ao marido de olhar cada vez mais longe.

— Tu tens marido para quê? Eu não estou reclamando de nada.

— Eu só queria te ajudar mais.

— Tu me ajudas me deixando terminar com esta pilha de notas sobre a mesa.

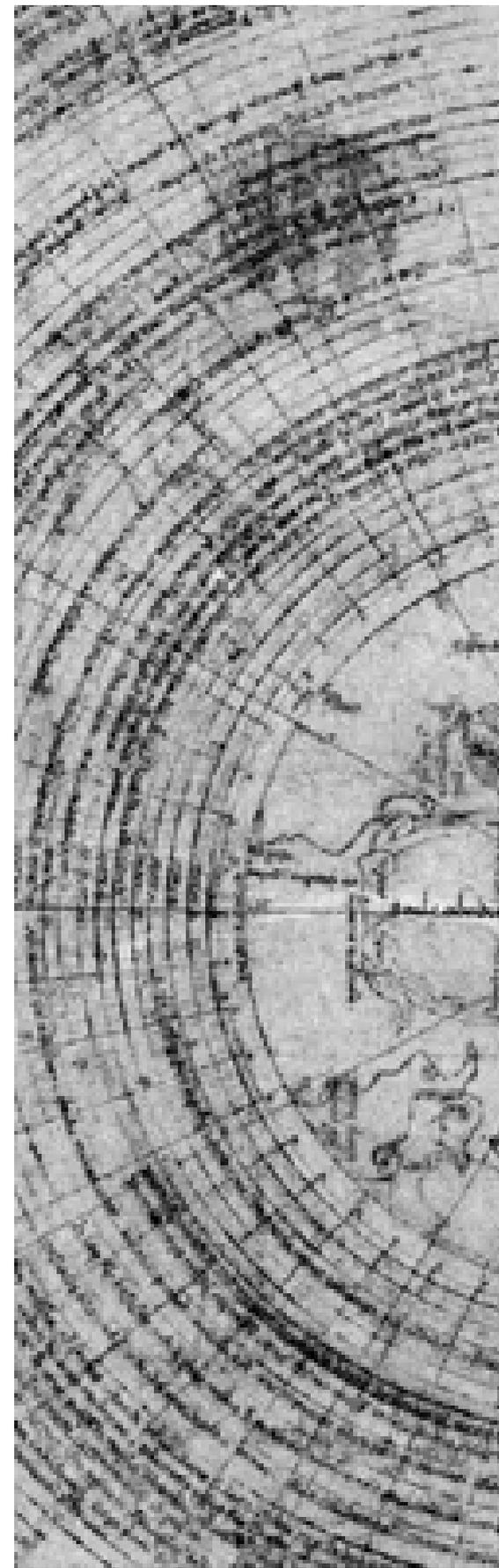
As xícaras foram recolhidas e lavadas, e com elas foi guardada a ideia de sair de casa e de ter alguém com quem conversar.

— Tu não vens dormir?

— Passei o dia inteiro sobre aquelas notas, preciso me distrair. Depois do filme irei.

E o boa noite da esposa ficou sem resposta, como todos os outros.

O sol já se escondia quando a mulher ouviu uns passos atrás dos seus pelo corredor. Não eram os chinelos arrastados do marido. Sentiu uma respiração suave, bem perto da nuca. Andou depressa para o quarto, de olhos fechados, para abri-los após certificar-se de que a porta estava trancada. Foi então arrastada por uma corrente de ar, mais forte do que o vento encanado que em todas as manhãs derrubava os porta-retratos na sala, e se viu jogada sobre a cama. Sentiu os lençóis deslizando sob o corpo. E se o ranger das molas do colchão despertasse do sono o marido? Ela



pedia, rezava para que não o acordasse, para que não acabasse.

Já havia anoitecido quando a esposa percebeu que estava sozinha outra vez. Uma pancada seca sobre a madeira da porta anunciava a saída. Na sala, o rádio alertava que eram seis e meia.

– O que teremos para o jantar? – perguntou o marido, tão logo a esposa aproximou-se da porta do escritório, desamassando a saia com as mãos.

Bendita era a sesta de todas as tardes, a esposa já não sentia falta de quem a ouvisse. Ele a escutava com atenção quando ela contava como havia feito para remover a mancha de vinho de uma toalha de mesa branca, ou a maneira correta para manter as panelas sempre brilhantes. Ela bebia cada palavra sobre a vida após a morte. – Estou morto, mas muito vivo – dizia ele, malicioso. Embora não pudesse vê-lo, ela sabia que uma voz tão doce só poderia pertencer a um rosto magnífico. Um amante fantasma era bem melhor opção do que um marido letárgico.

Aos poucos, o marido passou a perceber as mudanças que a esposa demonstrava. A mulher estava mais alegre e relapsa, o almoço às vezes atrasava e o café era servido quase sempre requeentado. Uma tarde, após uma ou duas de suas perguntas ficarem sem resposta, veio o ultimato: – Tu tens um amante?

– Tu sabes que eu passo o dia inteiro trancada nessa casa. Só se eu tivesse um amante fantasma – ela prendeu o riso.

A partir de então, o trabalho no escritório terminava a cada dia mais cedo e o marido conferia suas notas com a porta aberta. O sono das tardes o abandonara de vez, apesar de beber os chás de camomila que a insistente esposa oferecia a ele logo após o almoço. No dia em que o homem precisou ir ao centro da cidade para pagar as contas do mês, a manhã foi curta para tanta saudade. Foram muitas promessas de amor eterno, pois a eternidade para um fantasma é coisa fácil de se cumprir.

– Vou viver contigo – ela decidiu,

sorridente e determinada.

– Como, se eu não estou vivo? – o amante ponderou.

– Tu queres dizer então que não vais me assumir, quando eu estou deixando tudo por tua causa?

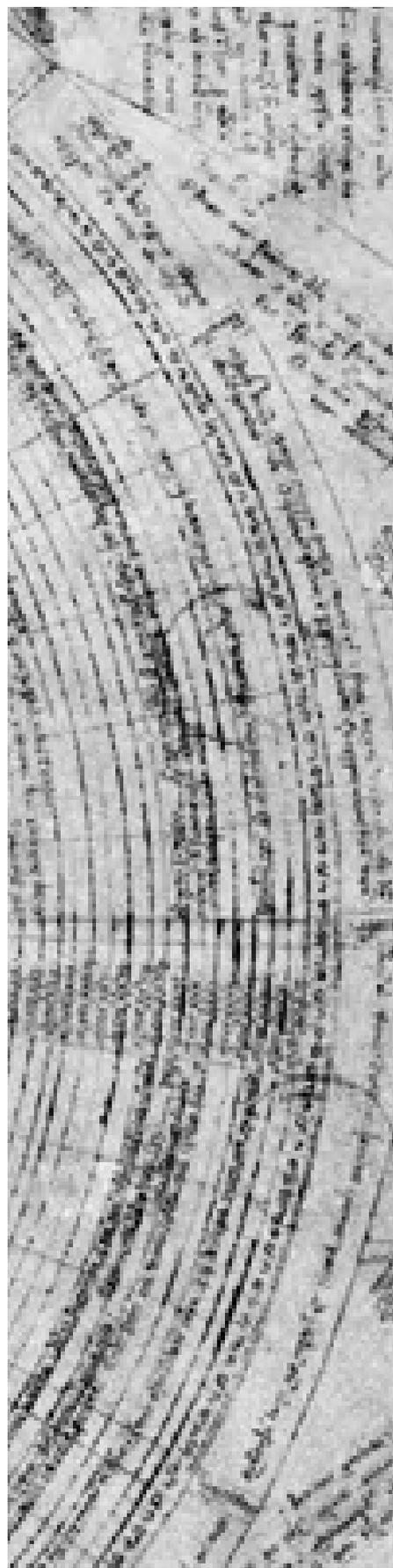
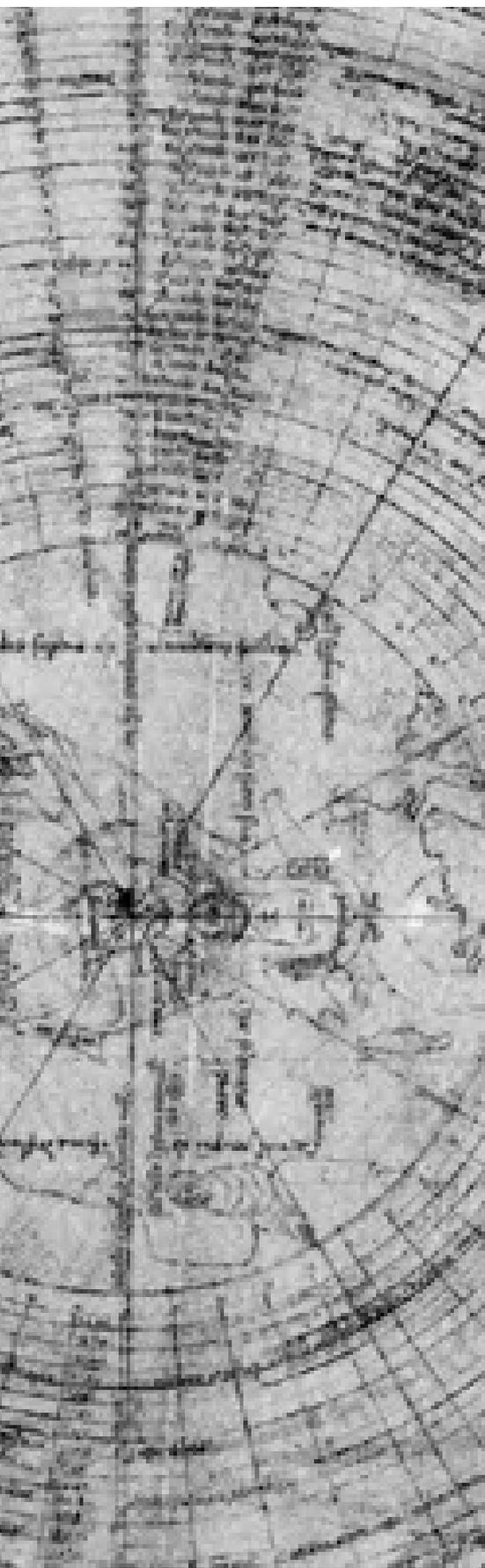
– Vamos deixar tudo como está. O teu marido logo se cansa de bancar o vigilante.

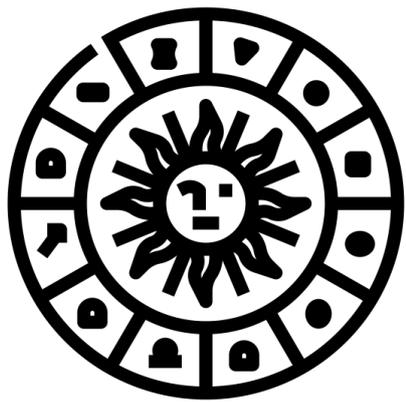
– Para ser tua amante eu sirvo. Eu que pensei que tu fosses diferente, que tu irias me levar daqui pra bem longe. Como eu fui idiota! – chorosa, porém decidida, ela continuou: – Vá embora.

O amante fantasma balançou sua cabeça ectoplasmática e obedeceu a ordem da mulher com quem dividiu as tardes e a cama durante um tempo considerável de sua pós-vida.

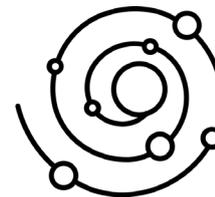
Naquela mesma tarde, ela pediu ao marido que convencesse o padre da paróquia do bairro a rezar uma missa dentro da casa, com o altar montado bem no meio da sala:

– Porque nunca se sabe quem viveu por aqui antes da gente.





MAPA BAI



Em contato direto com os astros, o **RelevO** descobre exatamente por que você é um fodi-do. Para tanto, nossa astróloga, numeróloga e ocultista *freelancer* Lucila Sombra responde às dúvidas enviadas pelos nossos assinantes, que complementaram as informações com suas respectivas datas de nascimento e outros dados cruciais para se montar um mapa astral.

Fran, 22: percebi que, assim que Mercúrio Retrógrado passou, minha vida profissional avançou; minha vida amorosa deslanchou; meu cabelo até passou a crescer mais (e com mais brilho). O que evitar durante Mercúrio Retrógrado?

O Universo não é uma narrativa que gira em torno de você, pangaré imundo. O que você julga mais provável: que os *astros*, em comunhão, agiram para piorar e melhorar a *sua* vida com dilemas mundanos e esquecíveis ou que você é uma tola caminhando no escuro com uma lanterna eternamente anexada às suas costas (para não dizer outra coisa)? Os astros são sutis, misteriosos e elegantes. Se você quer causa e efeito, vá estudar mecânica. Invista dinheiro. Jogue sinuca. Mas não se iluda com uma causalidade tão rasteira que posiciona *voce* como protagonista.



Marília, 32: Falta um mês para o meu aniversário. O que fazer para sofrer menos com o Inferno Astral?

Querida, você nasceu no dia 01/02, às 3h45, na latitude 67, longitude 89; a *sua* vida vai ser um inferno crepitante até o seu último suspiro. Não comemore aniversários – o que, por sinal, é uma babaquice depois dos 20 anos –, não comemore nada. Agradeça por ainda estar viva. Ou lamente (não sei, aí vai de você). Afaste-se de quem você ama; esqueça quem você respeita; peça demissão (se é que alguém já te contratou). Suma e procure controlar os danos ao seu redor. Recolha-se; reduza-se; restrinja-se (são os três Rs; até tenho um curso sobre isso).

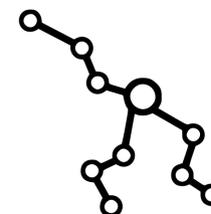


Luiza, 25: sou de Touro, mas queria muito ser de Áries. Posso mudar de signo?

Nem de signo, nem de cérebro. Lamento, querida.

André, 36: nunca acreditei em horóscopo, mas minha nova namorada, que faz bico de astróloga pra pagar a faculdade, criou um mapa astral dos meus defeitos e todos os indícios parecem bater – ao menos segundo ela (não abri o link). Posso me considerar ocultista?

André, André, André... Acha mesmo que vale a pena mudar todo o seu modo de enxergar o mundo somente por um banho quente com uma moça magra de 20 e poucos anos e que parece não ter um pelo fora do lugar, dentes alvíssimos (ao contrário dos seus...) e que, quando usa uma camiseta rasgada sua, só de calcinha, te transforma num dromedário? Cuidado; ela é de Capricórnio e você sempre foi meio bobão. Logo ela se cansará de você simplesmente porque você é exatamente como sempre foi.

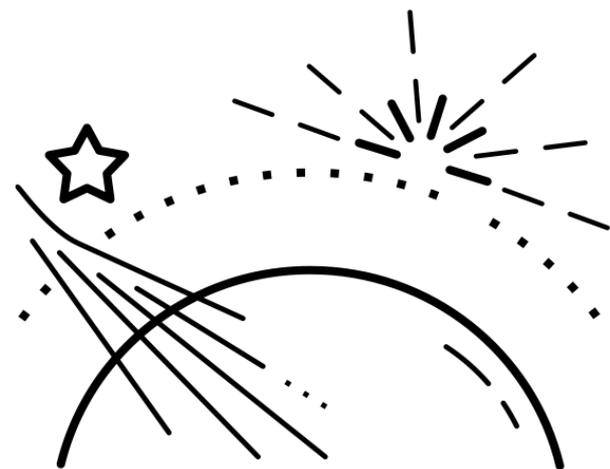


Bruno, 30: Acho que fui abusado por um ET. E?

Bruno, 30: Acho que não fui um abusado por um ET, mas gostaria de ser.

...

XO ASTRAL



Bóris, 44: quando eu vou morrer?

Você morrerá desamparado, ciente de que vivemos como sonhamos, isto é, sozinhos. Uma mistura do desespero com a absoluta resignação atormentará sua alma, já combalida por uma doença intratável. Os fantasmas de vidas não vividas assombrarão o seu desfecho, repleto de arrependimentos e lamentações. Os momentos de orgulho serão raríssimos, sem qualquer sensação de dever cumprido. Os dias serão longos; as horas, intermináveis. Ah, *quando* você vai morrer? Perdão, querido, li errado. Não faço ideia.



Julião da Mancha, idade mental de 16: meu time foi uma droga por muito tempo, mas agora ganha tudo por ter vários jogadores que considero astros. Com alguns, se for preciso, pela boa fase, reconheço que casaria. Posso ser considerado homossexual (“gayzão”) por querer que o meu time siga vencendo?

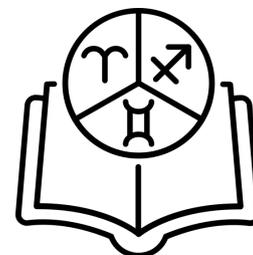
Sua pergunta é uma absoluta perda de tempo e lamento profundamente os cinco minutos que perdi tentando decifrá-la, mais os outros 15 que gastamos revisando seu português hediondo. Por favor, não me procure novamente, abandone as regatas de poliéster, diminua sua vivência em grupos de esportes do WhatsApp e pare de fugir da Carteira de Trabalho e Previdência Social.

Milena, 25: como faço pro Julião voltar pra mim?

Perguntei ao meu filho João, de 12 anos (pra ver a sua maturidade emocional), e ele alega que o alinhamento do Sol no sistema 4-4-2 não é favorável a você. Sugiro que você não tenha dois laterais ofensivos e priorize dois volantes no meio, com apenas um meia de criação. Contudo, formações excessivamente defensivas tendem a não funcionar, pois Marte e Júpiter transitam no seu signo, gerando pressão constante e gols nos acréscimos. Outra formação possível, agora pensando de modo adulto, reforçando o seu rancor e o seu histórico de piranha que só se envolve com marginal, é pegar um amigo que tenha nascido na mesma semana que ele e foder intensamente até o seu corpo pertencer à torcida organizada do diabo. Caso o *boy* seja de uma facção rival, todos podem morrer em um conflito de saída de jogo, tornando o mundo, certamente, um lugar mais habitável e seguro.

Alex, 58, professor autodidata: se um ET de outra constelação conseguir chegar até o nosso planeta e quiser se consultar contigo, de qual signo ele é?

Apesar do tom delirante da pergunta, provavelmente impulsionada por quantidades alarmantes de cannabis ao longo de dias úteis (para os outros), existe alguma sabedoria aí. Na verdade, esse ET hipotético – que teria consciência das estrelas, dos planetas e da existência de um “professor” que nunca conseguiu dar aula em lugar algum – compartilhará sim algumas características globais, ou melhor, universais, ou melhor, cósmicas, conosco. Aí dependerá da origem e de outras características do ET hipotético. Ou, como costumamos sintetizar no Curso de Formação Oculta, “quando Poseidon acorda de pau duro, esquece”.



Juninho, 19: Sou do signo de Câncer, na verdade, tô pouco me fodendo pra isso, mas é que a minha mãe fica reforçando que sou Câncer por conta da minha carreira de *gamer*. Só que, um dia desses, ela lamentou eu ter sobrevivido à incubadora e fiquei confuso. A astrologia pode me ajudar com isso?

Como podemos ver pela sua dúvida, Juninho, o seu problema é na dimensão cognitiva, não de astrologia: a sua mãe, que não faz uso moderado de remédios há muito tempo, não está confundindo seu signo, já que você nasceu no começo de dezembro (sim, nunca comemoraram apenas o *seu* aniversário, não é orientação religiosa). Ela acha que você é um verme mesmo, um inútil, um encosto, alguém que ela se arrepende de ter criado, de ter cicatrizes por ter parido você, de ter supostamente planejado a sua vinda, de ter cedido às vontades sexuais do seu pai alcoólatra e viciado em jogos de azar, sendo você concebido sob a tampa da privada do banheiro do Bar do Emídio depois de um porre deles com uísque barato. Ninguém queria você. Sua mãe tentou abortá-lo três vezes. Você só não é órfão porque o orfanato da sua cidade estava em reformas na época. Aliás, seu pai, homem trambiqueiro que nunca manifestou interesse em se apresentar publicamente como seu pai, não sumiu da sua vida por acaso. Você, em todas as vezes que ele o levou à casa de apostas – prometendo à sua mãe internada levá-lo ao jardim de infância pra “dar menos trabalho” –, não fez outra coisa senão servir os copos errados, desperdiçar a carreira de pó da mesa por sua vontade ridícula de querer assoprar tudo e fazê-lo perder consistentemente. Obviamente, ele mereceu; seus erros bem intencionados e involuntários foram grandes acertos cósmicos. Por outro lado, você tem uma tendência natural a levar as pessoas a sumirem, morrerem ou desejarem se matar. Pense nisso como um talento e termine o Ensino Médio, jogando seus joguinhos ou não.



Como (mas não necessariamente por que) *Community* é brilhante

Dez anos atrás – um pouco antes, um pouco depois – a emissora americana NBC encaixava uma sequência mágica de séries de comédia. Nas noites de quinta-feira, o canal de TV aberta transmitia *The Office* (2005-2013), *30 Rock* (2006-2013), *Parks and Recreation* (2009-2015) e *Community* (2009-2015), não necessariamente nessa ordem.

Até o momento, todas envelheceram muito bem. Claro que não faz muito tempo que acabaram, portanto não dispomos do distanciamento necessário para cravar a relevância histórica de cada uma, mas é notável como a audiência da internet não só não permitiu que arrefecessem como parece impulsioná-las gradativamente.

Community está disponível em plataformas de *streaming* e tem renovado seu público. Já faz mais de dez anos que o primeiro episódio foi ao ar, e esse envelhecimento reforça a impressão de que a série estava à frente de seu tempo.

As histórias de bastidores da produção são bastante conhecidas. A maioria envolve as peripécias do criador, o idiota-prodígio Dan Harmon, e o temperamento complicado de Chevy Chase, de longe o nome mais famoso da atração, ao menos quando ela começou.

Grosso modo, *Community* não conseguia uma grande audiência. Harmon foi demitido da própria criação. Uma temporada se passou sem ele – abaixo das outras. Surpreendentemente, Harmon foi readmitido para outra. Durante e depois dela, alguns atores deixaram a série, a qual foi cancelada, então magicamente reativada pelo Yahoo, onde permaneceu por uma temporada final. A audiência se manteve, se não baixa, ao menos pouco impressionante. Mas *Community* terminou com dignidade.

E, de fato, não abordaremos tanto por que razão *Community* é brilhante, embora possamos fazê-lo em outra oportunidade. A série é engraçada (oras); tem personagens carismáticos, com dilemas verossímeis; carrega a metalinguagem como recurso, não muleta; fornece pastiches e paródias caprichados; abraça o multiculturalismo dos personagens de forma muito genuína.

Enfim, como toda ou, pelo menos, a maioria das obras extraordinárias – e *Community* é uma obra extraordinária –, o êxito artístico da criação de Dan Harmon exigiu a colaboração de um núcleo de pessoas talentosas. Afinal, como já sintetizou José Mourinho, “sem ovos, não se fazem omeletes – e depende da qualidade dos ovos”. Isso responde como *Community* se tornou brilhante: com muitos ovos de qualidade.

Depois de *Community*, Dan Harmon criou *Rick and Morty* (2013-) com Justin Roiland. A animação estourou e dispõe da notável vantagem mercadológica de vender bonecos e afins. Além disso, ser uma animação (que depende mais do próprio Roiland, quem grava as vozes dos protagonistas) confere uma flexibilidade maior para contornar o comportamento errático de Harmon.

Os irmãos Anthony e Joseph Russo, produtores executivos da série e diretores de 48 de seus 110 episódios, acabaram contratados pela Marvel para dirigir *Tanto Faz 5* e *Herói Genérico 7*, além dos dois últimos filmes dos Vingadores. Cada um deles rendeu mais de US\$ 2 bilhões aos androides da Disney, e o último detém a maior bilheteria da história do cinema.

A *Enclave* não assistiu, portanto não avalia; fato é que ninguém é escolhido para tocar um projeto tão grande sem apresentar um leque amplo de habilidades – mesmo que depois elas sejam pasteurizadas sem dó.

Por sua vez, Ludwig Göransson, responsável pelas músicas autorais que ouvimos ao longo de *Community*, compôs as trilhas sonoras de *Creed* (2015), *The Mandalorian* (2019-) e *Tenet* (2020), de Christopher Nolan. Além disso, colabora frequentemente com o *rapper* Childish Gambino, assinando composições e produções em todos os seus álbuns.

Childish Gambino, para quem desconhece a ligação, é Donald Glover, e Donald Glover – ator, músico, roteirista (de *30 Rock*, inclusive) e criador de *Atlanta* (2016-) –, hoje mais consagrado do que nunca, é um dos protagonistas de *Community*.

Ainda no elenco, Jim Rash ganhou um Oscar pelo roteiro adaptado de *Os Descendentes* (2011). Alison Brie, que já dava as caras em *Mad Men* (2007-2015), participou de *BoJack Horseman* (2014-2020) e estrelou *GLOW* (2017-2019). John Oliver estourou na HBO com seu *Last Week Tonight* (2014-). Concluímos que eram ovos muito competentes em diferentes esferas: está respondido o como.

Há uma leveza na dinâmica dos envolvidos – leveza repetida em toda interação pública de elenco e produção, que costumam se reunir em diferentes projetos atuais. Essa naturalidade, a famosa química, é mais abstrata, mas certamente explica, ora como causa, ora como consequência, como (e por que) uma obra consegue atingir todo o seu potencial. Pode ser verificada na constância com que um faz o outro gargalhar, costurando a atmosfera típica de piada interna.

Community é uma série sobre amizade e (não) pertencimento. Joel McHale, protagonista (e eventualmente produtor informal), compreende exatamente a que se refere a magia de seu conteúdo: “Dan (Harmon) é o mestre das piadas dirigidas aos personagens, e há uma diferença muito grande entre piadas e piadas dirigidas aos personagens, que partem do que se passa com o personagem – em oposição a ‘aqui vai algo engraçado para falar’ (...). Por isso eu ficava furioso quando algum crítico dizia ‘é só humor referencial!’”

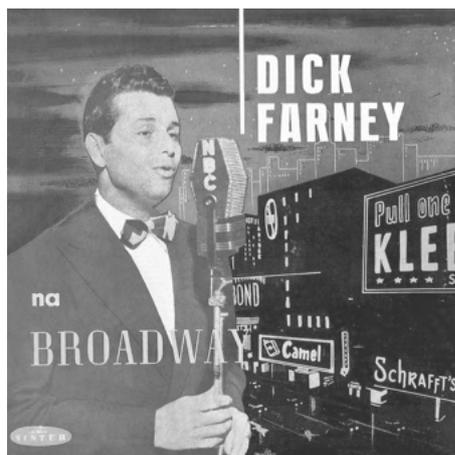
Com os instrumentos certos, Dan Harmon conseguiu converter sua visão em uma comédia demasiadamente humana, traduzindo a insegurança, o comprometimento e o humor derivados da construção de intimidade. *Community* emula o conforto de ser alvo das piadas de um amigo muito próximo.

COPACABANA

João de Barro 'Braguinha' & Alberto Ribeiro
 1944

Copacabana foi lançada por Dick Farney em 1946 como lado A de *Barqueiro do São Francisco*. A música foi um sucesso imediato, terminando 1946 como número 4 das paradas brasileiras e 1947 como número 1.

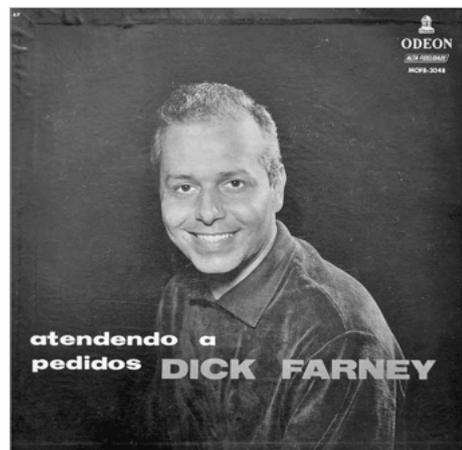
Em 1944, o diretor e produtor americano Wallace Downey encomendou uma música que ajudaria a moldar a imagem de uma casa noturna cujo nome homenageava a famosa praia



Nova York, em 1947, quando ele também gravou uma das primeiras versões de *Tenderly*, de Walter Gross e Jack Lawrence. Porém, essa versão foi inicialmente lançada apenas nos EUA. No Brasil, isso só aconteceria em 1954 – como single e no álbum *Dick Farney na Broadway*, que compilava todas as suas gravações americanas para a audiência brasileira. Em 1958, o disco de Farney *Atendendo a Pedidos*

seguintes à estreia da canção, incluindo o de Luís Piçarra, o primeiro a escolher a música, em 1947; o de Gilberto Grossi e Radamés Gnattali, em 1948; a interpretação famosa de Jorge Veiga, com a Orquestra Tabajara de Severino Araújo, em 1950; o de José Menezes, em 1951; e o de Mário Gennari Filho, em 1952.

Copacabana também foi gravada internacionalmente algumas vezes, incluindo na Fin-



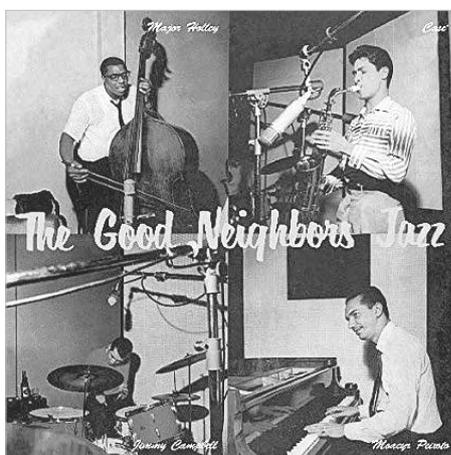
para o compositor João de Barro, que era também diretor da gravadora Continental. O arranjo de Radamés Gnattali – que incluía oito violinos, duas violas, violoncelo, oboé, piano, violão, baixo e bateria – foi considerado idiossincrático, já que era atípico para sambas.

Então, Dick Farney gravou a música mais quatro vezes. Primeiro com Paul Baron e sua orquestra durante sua estada em



carioca. Como a dita boate nunca saiu do papel, a composição permaneceu desconhecida até 1946, quando João de Barro convenceu Dick Farney a gravá-la. Inicialmente, Farney hesitou em cantar em sua língua nativa, tendo em vista que ele estava próximo de lançar sua carreira nos Estados Unidos interpretando apenas músicas americanas.

Farney gravou *Copacabana* basicamente como um favor



incluiu uma gravação de *Copacabana* arranjada e conduzida por Léo Peracchi. No ano seguinte, *Dick Farney e seu Jazz Moderno no Auditório de O Globo* incluía uma versão ao vivo em quarteto com Paulo Moura no saxofone. Finalmente, em 1972, *Penumbra Romance* incluía uma interpretação bossa nova com um solo de saxofone não creditado.

Cerca de dez singles foram lançados ao longo dos seis anos

lândia, em 1962, pelo cantor e pianista Lasse Mårtenson; e em 1951, por Bing Crosby e a Banda da Lua, com letras originais em inglês por Al Stillman.

Uma das clássicas declarações de amor musicais ao Rio de Janeiro, *Copacabana* foi gravada cerca de 160 vezes até hoje.



Relevo apresenta **Brazilliance**:
 a música do mês para o conhecedor sofisticado!
 Ouça as gravações por meio do código QR ou conheça a canção nº 128 no BRAZILLIANCE.wordpress.com



ACEITARIA POR 70 REAIS AO ANO?



Periódico impresso mensal.

Literatura, humor, cultura.
E mais coisas. Depende.

RelevO

D. K. Montoya

Trecho de Na contramão, Curitiba (Arte & Letra, 2022)

2. Terminal do Guadalupe

Curitiba, 14 de maio de 2001, 8h21.

Um ônibus branco vindo de Itapeçu para no Terminal do Guadalupe. Desce uma mulher gorda de saia azul, blusa vermelha, carregando uma sacola de pano. Desce lentamente um homem cego com bastão guia na mão esquerda, vestindo calça social desbotada e uma camisa que um dia foi branca. Em seguida, saem mais umas 20 pessoas, que rapidamente tomam, cada uma, caminho distinto e compõem apenas um número nas quase 50 mil que vão passar pelo terminal só na data de hoje.

O último passageiro a desembarcar deixa uma moedinha para a mulher que, sentada na frente de uma loja de roupas, pedia esmolas enquanto amamentava seu bebê. O que suponho ser outro filho da pedinte fazia carinho em um vira-lata. O cachorro para de brincar com a criança e sai cheirando o chão de lajotas alaranjadas, como se procurasse o dono, ou comida, ou uma cadela no cio.

A proprietária da loja de roupas levanta a porta de ferro, fazendo estalar pelo terminal o barulho do comércio em atividade. O som é abafado pelo frear do ônibus Barreirinha/Guadalupe, o tubo começa a desinchar. Ao lado da loja, na frente do chaveiro ainda trancado, dorme um homem sujo sobre um pedaço de papelão, embaixo de uma coberta de estopa. Sinto cheiro de urina.

Um senhor de chinelo havaianas azul celeste desbotado, calça jeans e camisa cinza caminha apressadamente com uma pasta do curso Positivo. Dois guardas municipais andam com cacetete pendurado na cintura, e a mão repositando sobre ele.

Do outro lado da João Negrão vejo os óculos que queria comprar, empilhados no carrinho verde de um ambulante, amontoado entre mais de uma dezena de outras barraquinhas que vendem todo tipo de produtos piratas. Estou sem dinheiro. Viro o rosto para o lado oposto e acompanho uma multidão saindo da Igreja Nossa

Senhora do Guadalupe. A Santa Missa matinal da segunda acabou.

A cada passagem no terminal encontro pedaços de diálogos que formam a conversa da cidade, colhidos em todos os bairros e despejados ali, a missa, o pastor, o futebol, os amores, as omissões da Prefeitura, o dinheiro, a falta de dinheiro, o dinheiro que se rouba, o quão melhor é minha conduta em relação aos que roubam esse dinheiro ou nada fazem a respeito, e assim, tão humilde, cheia de boas vontades, vai nascendo aquele ar de superioridade, que vira voz da maioria, vira voz da cidade, da república.

Na lanchonete, a fumaça da fritura vence o exaustor e toma a rua. Entra um senhor de uns 40 anos, cavanhaque grisalho, cabelo crespo despenteado, senta na frente do balcão, ao lado do expositor de salgados que tinha quatro coxinhas, cinco esfirras, dois rissoles e três pastéis que pareciam fazer aniversário. A atendente se aproxima. Bom dia, senhor Perré, café pingado e misto-quente?



Desde a edição de junho, o **RelevO** republica artigos do projeto Escamandro (escamandro.wordpress.com), dedicado à poesia, crítica e tradução literária. O coletivo recentemente encerrou suas atividades de mais de dez anos.

Tishani Doshi

Shelly Bhoil

Tishani Doshi é uma notável dançarina indiana e autora premiada de seis livros de poesia e ficção. Ganhou o Eric Gregory Award for Poetry, All-India Poetry Competition, Forward Prize for Best First Collection por seu primeiro livro, *Countries of the body*, em 2006. Seu livro de poesia, *Girls are coming out of woods*, foi indicado para os prêmios Ted Hughes e Firecracker. O primeiro romance da Tishani, *The pleasure seekers*, foi selecionado para o Hindu Literary Prize, o Orange Prize e o International IMPAC Dublin Literary Award. Seu segundo romance, *Small days and nights*, foi selecionado para o Tata Best Fiction Award 2019 e o RSL Ondaatje Prize 2020. Ela é professora visitante de prática, literatura e redação criativa na New York University, Abu Dhabi.

Na tradição tântrica hindu e budista, a ioga chamada Phowa pertence à “transferência do fluxo mental” de um corpo para outro. Traduzindo o espírito dos poemas da Tishani Doshi de uma língua para outra, tive o mesmo sentimento, além do medo da responsabilidade de fazê-lo bom. A tradução desses poemas não poderia ter feito bem sem discutir as escolhas das palavras com a Celia Tomimatsu e sem a revisão do Guilherme Gontijo Flores. “As meninas estão saindo da selva” é o primeiro poema que traduzi para o português-brasileiro com o objetivo de criar a minha pequena Índia, especialmente aquela com consciência feminina, no Brasil, enquanto fixava o português-brasileiro no meu cérebro esquerdo.

Girls are coming out of the woods *for Monika*

Girls are coming out of the woods,
wrapped in cloaks and hoods,
carrying iron bars and candles
and a multitude of scars, collected
on acres of premature grass and city
buses, in temples and bars. Girls
are coming out of the woods
with panties tied around their lips,
making such a noise, it's impossible
to hear. Is the world speaking too?
Is it really asking, What does it mean
to give someone a proper resting? Girls are
coming out of the woods, lifting
their broken legs high, leaking secrets
from unfastened thighs, all the lies
whispered by strangers and swimming
coaches, and uncles, especially uncles,
who said spreading would be light
and easy, who put bullets in their chests
and fed their pretty faces to fire,
who sucked the mud clean
off their ribs, and decorated
their coffins with briar. Girls are coming
out of the woods, clearing the ground
to scatter their stories. Even those girls
found naked in ditches and wells,
those forgotten in neglected attics,
and buried in river beds like sediments
from a different century. They've crawled
their way out from behind curtains
of childhood, the silver-pink weight
of their bodies pushing against water,
against the sad, feathered tarnish
of remembrance. Girls are coming out
of the woods the way birds arrive
at morning windows—pecking
and humming, until all you can hear
is the smash of their miniscule hearts
against glass, the bright desperation
of sound—bashing, disappearing.
Girls are coming out of the woods.
They're coming. They're coming.

 @noslivros

 /acontecenoslivros

 acontecenoslivros@gmail.com

 /acontecenoslivros

 @acontecenoslivros



As meninas estão saindo da selva

para Monika

As meninas estão saindo da selva, envoltas em mantos e capuzes, carregando barras de ferro e velas e multidão de cicatrizes, colhidas nas acres de grama prematura e dos ônibus da cidade, nos templos e bares. As meninas estão saindo da selva com calcinhas amordaçadas nos lábios, fazendo um tipo de ruído, é impossível ouvir. O mundo também está falando? Está perguntando, na verdade, o que significa dar algum descanso eterno adequado? As meninas estão saindo da selva, levantando alto as pernas quebradas, derramando segredos das coxas abertas, todas as mentiras sussurradas por estranhos e treinadores de natação, e tios, especialmente tios, que falaram que abrir seria leve e fácil, que puseram balas nos peitos e alimentaram seus rostos bonitos a fogo, que sugaram a lama limpa pra fora de suas costelas, e decoraram seus caixões com sarça. As meninas estão saindo da selva, limpando o terreno pra espalhar suas histórias. Mesmo essas meninas encontradas nuas nos vales e poços, aquelas esquecidas em sótãos negligenciados, e enterradas no leito do rio como sedimentos de um diferente século. Rastejam seus caminhos através das cortinas de infância, o peso rosa prateado dos corpos empurrados contra a água, contra a triste, emplumada mancha da lembrança. As meninas estão saindo da selva como passarinhos chegam às janelas da manhã—bicando e cantarolando, até tudo o que se ouve é o quebrar dos seus minúsculos corações contra o vidro, o brilho desesperado do som—batendo, desaparecendo. As meninas estão saindo da selva. Estão saindo. Estão saindo.

Contract

Dear Reader,
I agree to turn my skin inside out,
to reinvent every lost word, to burnish,
to steal, to do what I must
in order to singe your lungs.

I will forgo happiness
stab myself repeatedly
and lower my head into countless ovens.

I will fade backwards into the future
and tell you what I see.
If it is bleak, I will lie
so that you may live
seized with wonder.
If it is miraculous I will
send messages in your dreams,
and they will flicker
as a silvered cottage in the woods,
choked with vines of moonflower.

Don't kill me, Reader.
This neck has been working for years
to harden itself against the axe.
This body, meagre as it is,
has lost so many limbs to wars, so many
eyes and hearts to romance. But love me,
and I will follow you everywhere —
to the dusty corners of childhood,
to every downfall and resurrection.
Till your skin becomes my skin.
Let us be twins, our blood
thumping after each other
like thunder and lightning.
And when you put your soft head
down to rest, dear Reader,
I promise to always be there,
humming in the dungeons
of your auditory canals—
an immortal mosquito,
hastening you towards fury,
towards incandescence.

O contrato

Querido Leitor,
concordo em virar a minha pele do avesso,
em reinventar cada palavra perdida, em lustrar,
em roubar, em fazer o que devo
para chamuscar seus pulmões.

Vou renunciar à felicidade,
me esfaquear repetidamente
e baixar a minha cabeça em fornos incontáveis.

Vou esvanecer de trás para o futuro
e te contar o que vejo
Se for sombrio, vou mentir
para que você possa viver
tomado de admiração.
Se for milagroso, vou
mandar mensagens em teus sonhos,
e eles vão tremeluzir
como uma cabana prateada na mata
sufocada com dama-da-noite.

Não me mate, Leitor.
Este pescoço tem trabalhado por anos
para se endurecer contra o machado.
Este corpo, por franzino que é,
perdeu tantos membros para guerras, tantos
olhos e corações para o romance. Mas me ame,
e vou te seguir em todos os lugares—
para os cantos empoeirados da infância,
para cada ruína e ressurreição.
Até que tua pele se torne minha pele.
Vamos ser gêmeos, nosso sangue
batendo um atrás do outro
como trovão e relâmpago.
E quando você coloca a cabeça macia
para descansar, querido Leitor,
eu prometo estar sempre lá
cantarolando nas masmorras
dos teus canais auditivos—
um mosquito imortal
te apressando para a fúria,
para a incandescência.

Visões de um padre miniaturista

Alberto Arecchi

Opicino de Canistris, padre que viveu no século 14, era um entusiasta da astrologia e um estudioso das tradições populares, especialmente das lendas celtas, proferidas em sua Lomellina. Um livro com a sua descrição e o louvor da cidade de Pavia foi por muito tempo atribuído a um tal “Anônimo ticinense”, até a identificação de seu nome em outros desenhos, que se encontravam na Biblioteca do Vaticano.

Três anos antes de Opicino se tornar padre, o Papa João XXII condenou a alquimia, com a bula *Spondet pariter*, na qual declarou “pessoas infames e puníveis” os leigos que a praticavam e decretou a remoção do clero que fora culpado da mesma falha – um sinal de que, mesmo entre os sacerdotes, as ciências ocultas deviam ser muito difundidas. Apenas em um período posterior a astrologia foi rejeitada pela ciência moderna. Por sua vez, Opicino queria dar às suas interpretações siderais um “batismo” cristão e, em seus desenhos do zodíaco, integrou os sinais clássicos das constelações com os aniversários dos santos.

Bom desenhador e miniaturista de estilo gótico, exaltou em sua obra a glória e a beleza de Pavia, mas também tentou aplicar à cidade as regras de uma “astrologia cristã”. Não podendo tomar para a sua cidade e a sua terra os bons auspícios desejados, começou a insultar Pavia e a si mesmo. Alguns estudiosos modernos não hesitam, ao comentar suas fantasias, em defini-lo como um psicopata.

Opicino (Opizín) de Canistris (Canastro?) foi concebido em 27 de março de 1296, o mais velho de cinco irmãos (tinha dois irmãos e duas irmãs). De suas irmãs também sabemos os nomes: Regina e Sibillina. Ele nasceu em Lomello, antiga cidade de tradições ro-

manas e lombardas, principal centro da Lomellina, a oeste da cidade de Pavia, em 24 de dezembro, na hora do pôr do sol do solstício de inverno, em uma família muito próxima àquela do conde de Langosco. Opicino era provavelmente o filho de um “mordomo” da família Langosco, os senhores guelfos que impuseram, por algum tempo, sua autoridade na cidade de Pavia. Parecia-lhe uma maldição ter nascido sob o signo do Capricórnio. A cabra, o símbolo para o mundo cristão do mal e do Anticristo, assombrava sua vida. Ainda tornou-se pároco da igreja de Santa Maria Capela (do latim “cabra pequena”), chegando a acreditar que cabras e bodes foram a marca indelével de sua existência:

“Eis as iniquidades em que fui concebido... Às vezes eu tenho orgulho de ser um homem e eu me esqueço de ser um Capricórnio com uma longa barba, adorador de cabeça do bode. Na verdade eu nasci no meio do pecado, como um ladrão que vem antes de Cristo, entrando furtivamente no dia sangrento do Anticristo. Eu nasci no pecado, como um bode expiatório, mas o batismo me virou e me ressuscitou dos vícios do bode à inocência dum cordeiro. Se o Senhor Jesus Cristo não tivesse me seguido imediatamente e redimido do pecado, eu já teria atingido o cume do Anticristo... Mas eu, cabra miserável, nascido sob o signo de Terra do bode e designado para a união com o pobre, menor que cabra, percebo que não gerei mais que cabras e bodes, que sempre voltam à sua natureza sinistra”.

Em abril de 1300, Opicino – então com quatro anos – caiu e quebrou a testa, o que marcou seu rosto para a vida. Segundo ele, em 1305, “começaram as adversidades” para sua família.

Tinha menos de dez anos quando foi feito clérigo pelo bispo. Ainda jovem, envolveu-se na política, e isso, somando-se à data de nascimento (na véspera de Natal, que ele interpreta como um dia especialmente infeliz, sendo ligado à figura do Anticristo; “*ante Christum = anti Christum*”), moldou sua consciência atormentada de padre. Um sonho premonitório avisou-o para começar a estudar. No ano seguinte, frequentou a escola. Ele estudava pouco e mal em todas as matérias, mas encontrou uma vocação natural para o desenho (enquanto, por exemplo, aborrecia-lhe o canto). Conforme Opicino escreveria, aos 12 anos, ele aprendeu bem os palavrões.

Em 1311, Opicino “cresceu na maldícia” e começou a se sentir “ligado” por vícios. Adoeceu por três meses com febre quartã, então deixou seus estudos, em 1314, por conta de doenças repetidas. Em seguida, fez alguma prática de cuidados médicos. Foi chamado a Milão para curar a criança de um conde alemão prisioneiro, então tornou-se um professor particular de temas literários para a filha de um cavaleiro de Pavia no exílio, provavelmente o mesmo Conde de Langosco. Aqui, por volta dos 19 anos, hóspede da esposa do mesmo cavaleiro e provavelmente no amor com ela, começou a interessar-se pela vida política. Em sua autobiografia, escreveu que teve contato com homens “excomulgados e interditos”.

Naquele momento, em Pavia e Milão, enfureciam as lutas entre guelfos e gibelinos. Opicino pertencia ao partido guelfo, como amigo dos Langosco, Senhores de Lomello e Pavia. Em 6 de outubro de 1315, a cidade de Pavia caiu nas mãos dos gibelinos, aliados aos Visconti de Milão, como

conta o cronista Pedro Azário:

“Os gibelinos, que estavam ganhando a vitória, foram tão perspicazes que entraram sorrateiramente na cidade de Pavia, juntamente com os da família Beccaria, no lado em direção ao Ticino. O Conde Riccardino, irmão do Conde Filippone, que estava colocado em guarda, ouviu o barulho, enquanto ele estava ocupado em brincadeiras de amor com uma mulher de Pavia, desceu na praça e foi morto. O Conde Filippone foi capturado, levado para Milão e preso em uma Torre, onde permaneceu até fechar o último de seus dias. Depois disso, as cidades de Milão, Novara, Vercelli, Como, Bergamo e Pavia juntaram-se em uma aliança, tendo também ajudas por todos os outros partidos gibelinos da Lombardia, e começaram atos de guerra para destruir acampamentos, para subjugar as fortalezas das pessoas expulsas, sem oposição pelos aliados do Rei e da Igreja Santa romana”.

Na noite em que Ricciardino foi morto, Opicino conseguiu escapar com as mulheres da família Langosco, acompanhando a mãe de seus estudantes até o mosteiro de Josafá, além do Ticino – e temos de assumir que ele não a veria nunca mais. No ano seguinte, ele foi exilado em Génova, com toda a sua família. O pai, desonrado, não pôde mais garantir a família. Por isso, Opicino foi obrigado a buscar um trabalho. Fez o preceptor, “vivendo nos prazeres da carne”. Em 3 de setembro de 1316, lembra ele, a visão do julgamento extremo foi-lhe revelada em um sonho. Começou a aprender a miniatura dos livros para apoiar os recursos da sua família. Em 1317, seu irmão, ainda mesmo uma criança, morreu por acidente. No final de outubro, seu pai também morreu. No

ano seguinte, em abril de 1318, com sua mãe, as irmãs e o irmão remanescente, retornou a Pavia e descobriu que a cidade, nas mãos dos gibelinos, foi atingida pelo interdito papal. Proibiu-se a celebração de funções solenes e alguns sacramentos não puderam ser administrados. Ele se envolveu em trabalhos manuais para viver com a família e tornou-se um devoto feroz da Virgem Maria.

No final do ano, tentou obter as ordens religiosas para se tornar um diácono, mas foi reprovado nos exames. Recebeu as ordens menores em Bolonha, em março de 1319, e o diaconato pelo Bispo de Bóbbio; em fevereiro de 1320, finalmente foi consagrado padre. Nos anos seguintes, estudou as “ciências divinas” e escreveu sobre vários temas. Enquanto isso, Pavia era dilacerada por lutas entre facções rivais, apoiadas pelas facções semelhantes de Milão; em última análise, eram as partes do Império e do Papado. Em 1322, Musso Beccaria e Galeazzo Visconti assumiram o poder, nas Senhorias de Pavia e Milão. Pontual, a excomunhão, que tinha atingido os pais, também afetou os filhos. Em 1323, a Secretaria do Cardeal Legado de Placência excomungou 150 famílias. Em Pavia, as igrejas estavam vazias, pois os sacerdotes fugiram.

Opicino voltou à cidade em abril de 1318, mas destinou-se a um novo exílio. Como Dante Alighieri, ele deveria abandonar para sempre a sua cidade. Em outubro de 1323, em Pavia recentemente submetida ao interdito papal, Opicino obteve a capelania de São Rafael, na igreja de São João. Uma lenda estranha estava relacionada com a Capela do Santo Arcanjo, desde a época dos Lombardos.

“Na igreja de São João havia uma

capela dedicada a São Rafael. As mulheres, tradicionalmente, não se atreviam a pôr o pé naquela capela, por medo de morrer dentro de um ano, tal como tinha acontecido com uma rainha lombarda, injustamente ciumenta de seu marido. O rei fora muitas vezes à noite para rezar nesta Capela, através do subterrâneo que ligava o Palácio Real com a cripta. A rainha, suspeitando por suas repetidas ausências, temia uma traição e uma noite seguiu-o secretamente para espioná-lo. O Arcanjo Rafael queria puni-la por ter duvidado de um marido tão piedoso e a fulminou, no instante mesmo”.

Após um curto período, Opicino renunciou à capelania para ser nomeado reitor da paróquia de Santa Maria Capela, com uma renda que, finalmente, aos 27 anos, parecia permitir-lhe a serenidade econômica, para manter também sua família. A tranquilidade durou muito pouco: os novos combates entre guelfos e gibelinos o obrigaram a um novo exílio, desta vez permanente. Em julho de 1328, deixou novamente Pavia, e vai a Tortona, Alexandria e Valença. Aqui, a 3 de agosto, ficou doente e parecia fadado à morte. Em vez disso, restabeleceu-se e, no ano seguinte, em abril, foi a Avinhão, na corte do Papa João XXII. Durante um mês, ocupou-se com as miniaturas de um livro, para um protonotário do papa. João XXII viu o livro de Opicino e o assumiu como miniaturista. No entanto, sua falta de competência nas coisas eclesiásticas o levou a ser acusado de falsidade. Finalmente, depois de muitas dificuldades, foi absolvido pelo camareiro do papa.

As acusações contra Opicino nunca foram retiradas, durante 14 anos, apesar da indulgência papal. 14 teste-

munhas se declararam a favor da sua causa. Isso o obrigou a gastar tempo e dinheiro para sua defesa. Seus principais acusadores eram, provavelmente, os mesmos prelados de Pavia que ele esperava obter ajuda. Isso justifica, ao menos em parte, suas invectivas contra a cidade e seus habitantes. Entretanto, devido ao interesse do papa, sua irmã mais nova entrou como freira em um mosteiro de Pavia.

A 31 de março de 1334, uma nova doença atingiu Opicino. Ele permaneceu mudo e paralisado, dado por moribundo. Em junho, teve uma aparição à noite, com a Virgem sobre as nuvens. Em agosto, a Virgem Maria apareceu-lhe de novo em um sonho e as chagas começaram a cicatrizar, embora ele tenha ficado mudo e fraco no lado direito. Em 4 de dezembro, o Papa João XXII morreu, portanto um novo papa foi eleito – Bento XII, em 1º de janeiro de 1335. A mão direita de Opicino recuperou sua funcionalidade. Em 25 de abril de 1335, morreu sua mãe, com quem ele sempre esteve intimamente ligado – Opicino a havia trazido consigo para Avinhão.

Em 1336, a velha acusação contra ele foi aliviada. Na verdade, a formulação dos dois códigos de desenhos que conhecemos pode ser motivada como sua memória, para a justificação perante o tribunal papal, no caso contra ele. Depois disso, sabemos pouco: doente, deve ter perdido seu posto de miniaturista, passando os últimos anos de sua vida em Avinhão. Pode ter morrido em 1352, ou pouco depois, com aproximadamente 55 anos. Opicino não foi um teólogo, nem um pensador, nem um artista. Sua obra mais conhecida continua sendo a descrição de Pavia.

Gostava de estudar as lendas celtas

e lombardas e traduzi-las em latim. Escreveu que ele nunca tinha visto, vivo, um lobo adulto ou um leão ou um javali ou outras feras quaisquer, apesar de terem visto os animais já mortos. Acrescentou: “Embora crescido em meio às bestas, eu não conheci os animais da natureza”. Ficou mal conhecido até meados dos anos 20 do século passado, quando os estudos permitiram sua identificação. Seus desenhos, guardados em dois códices do Vaticano, foram publicados em 1936. O psicanalista Ernst Kris o estudou a partir do ponto de vista médico. Embora muitos sejam os sintomas clássicos de histeria, para o pesquisador austríaco, ele não foi afligido por uma neurose, mas por uma psicose muito mais grave – uma forma de esquizofrenia. Houve também um grande interesse dos cartógrafos, especialmente na França, por suas imagens do mundo.

Depois de quase sete séculos, pode-se dizer que começou um “Renascimento de Opicino”, curioso e interessante. A razão para estudar Opicino talvez seja o fato de ele ser “ninguém”. Os seus desenhos podem ser vistos, ao mesmo tempo, como manifestações ou sintomas de doença, e como instrumentos de seu autotratamento. São várias as semelhanças entre o trabalho de Opicino e os esquizofrênicos do nosso tempo: o impulso para a criação representou nele, como em outros pacientes, uma proteção contra a imagem da destruição total.

As imagens não são, em si, originais. A originalidade simbólica não está entre as qualidades de Opicino. Mesmo seus sonhos são conformistas. Muitas vezes ele vê a Madona, da qual se tornou particularmente dedicado, e um Juízo Final, o tema clássico dos visionários medievais. Recebe mensagens



vna e natura muliezz
diuitis r paupis sola
molatio ptopoz uela
minu facit magis
apptiat unu feruus
q aliud. Ex qd ambo
uermicti pfferit q si
adducit ad scdm gnato
no coctie iouit dnuu
hoiem rationale.



divinas na forma de aparições noturnas. O sonho mais pessoal é a ordem de uma voz, que manda-lhe “ir estudar” (poderia ser uma prévia dos sentidos de culpa futuros, uma vez que na época, aos 19 anos, estava correndo uma carreira escolar não muito brilhante).

Os desenhos mostram uma forte insistência em alguns temas – quase obsessiva e maníaca, mesmo nos textos – em que ocorre a repetição estereotipada das mesmas fórmulas: a Igreja, representada por uma figura feminina, as figuras de Cristo e da Virgem, de patriarcas e profetas, os signos do zodíaco, os animais simbólicos, cenas da crucificação. O tema dos mapas se relaciona à profissão de desenhador, cartógrafo e copista, desenvolvida na corte papal. Opicino, no entanto, é original na composição, que funde e mistura diferentes elementos. O conjunto e a organização são verdadeiramente únicos

Existe uma forte geometria, feita em especial de círculos concêntricos, mas também de formas ovais; é dominante um espaço de tipo arquitetônico, e muitos desenhos parecem dispositivos, construções de encaixe. Outra fórmula utilizada é a inclusão, como em uma matriosca russa, de figuras antropomórficas colocadas em esferas, círculos, por sua vez, com outras figuras no interior. É uma solução não tradicional: nas inscrições entendemos que, muitas vezes, a sobreposição dos desenhos indica uma conexão interior-exterior.

A conexão entre o desenho e a escrita é outra característica notável. Soluções semelhantes aos quadrinhos, enxertos de imagem e escrita, foram muito usadas na arte medieval com fins de clareza didática. Contudo, em

Opicino, as palavras e os desenhos se cruzam, sobrepõem-se, entrelaçam-se de uma maneira peculiar, de modo a tornar muitas vezes difícil o entendimento.

Os textos associados às imagens são extremamente desiguais e difíceis de interpretar; isso é parcialmente compreensível, já que Opicino não escreve para um público, mas para si mesmo, então não há necessidade de explicar o que, para ele, é óbvio. Estas são muitas vezes notas autobiográficas pessoais, memórias da juventude, confissões misturadas com referências teológicas, com astrologia etc. Mais do que o conteúdo – incapaz de formular qualquer doutrina ou textura –, interessam alguns aspectos da forma.

Opicino menciona também a mitologia celta, conhecida em sua Lomellina nativa e em sua longa estadia na Occitânia, e quer dar uma interpretação cristã de toda essa amálgama, mas no contexto da astrologia. Obscuro por sua origem capricorniana, ele viu no Mar Mediterrâneo a imagem de um grande bode, obscuro, que se juntava carnalmente aos dois continentes. “A miserável Lombardia tomou sobre si toda a corrupção da Europa e África, a Pavia tocou a parte dos órgãos genitais... o território desse sítio suga como uma virilha menstruada, vale do julgamento e virilha da torpeza da Europa”. Ele brinca com os nomes, um exercício frequente nos ensaios literários e na letra dos antigos alquimistas (e dos políticos modernos). O bode é visto frequentemente como o símbolo do mal, do pecado e da depravação: “Portanto, julgue você quem foi a minha mãe e quem a minha esposa... A religião para a pátria, a pátria para a minha paróquia, a paróquia para mim mesmo, à minha pessoa, só procuram

e adquirem crimes carnis... Todas as partes que são membros do diabo não estão no centro de Jerusalém, mas nas voltas do labirinto”.

Nessa tensão de uma busca desesperada de suas raízes, concebidas como pecaminosas – porque ele vem de uma cidade que, no início do século 14, havia sido excomungada nas mãos dos gibelinos –, Opicino tentou fazer os horóscopos de Pavia e da região da Lombardia, da Europa, da bacia do Mediterrâneo, para conectá-los uns aos outros e à sua própria sorte. Ele sobrepõe, no mesmo desenho um mapa, um desenho alegórico (às vezes sagrado, às vezes obscuro) e o mapa de Pavia, com os lugares mais importantes, cobertos por doze rodas do zodíaco, girando um em uma direção e outro na direção oposta, em uma tentativa de interpretação dinâmica. Os fatos mais marcantes são as conjunções e as oposições entre os vários signos ao longo das linhas que partem do centro geométrico da cidade. De acordo com a leitura do estudioso Salomon, “esta forma de desenvolver o calendário pode ser comparada apenas com a de Ramon Llull [Raimundo Lulo, importante escritor, filósofo, poeta, missionário e teólogo da língua catalã]”.

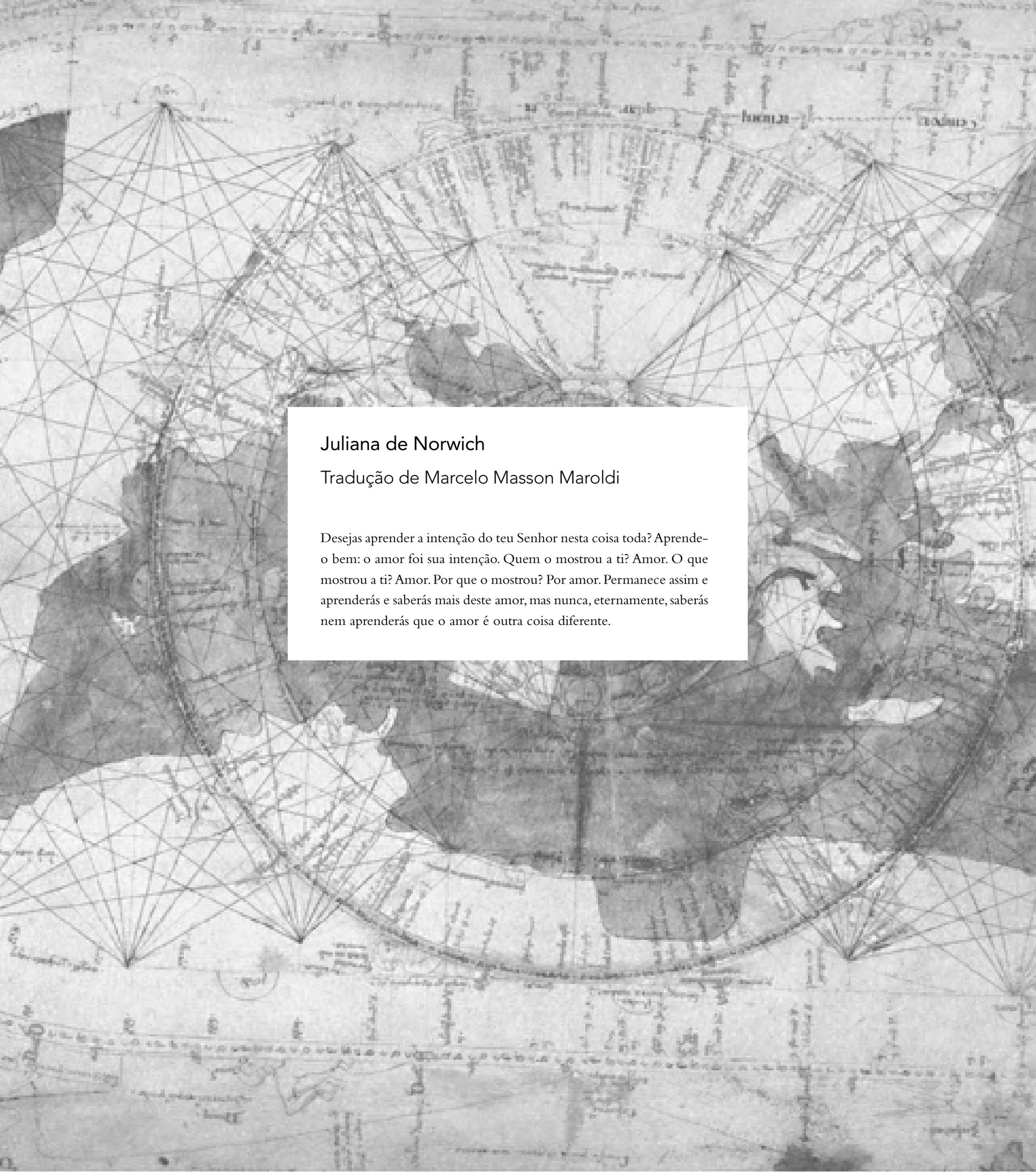
No meio da Itália superior, um monstro misterioso com seis pés engraçados, pés humanos. A besta escamosa é coroada, na cabeça de leão. De acordo com Salomon, é um dos gafanhotos do Apocalipse, representando a luxúria. Em volta, há duas escritas, muito claras: “*In hac stercoraria valle hoc simulacrum adoratur: causa peccati, corpus reprobationis. Hic est turpior locus totius Europe*”. “Neste vale de lixo a gente adora este simulacro, causa do pecado e objeto de condenação”, e “na cidade maravilhosa (Pavia) nasceu o monstro

incrível”. Outras cabeças de leão aparecem aqui e ali, nas peles de cordeiro que compunham o manuscrito do sacerdote de Pavia. Em outros desenhos, o monstro com seis pernas é a Tarasca, imagem mítica da tradição celta antiga, cujo fantoche aparece nas festas populares em Provença, representado no ato de comer um homem. Seu corpo, em outro desenho, parece blindado, como o de um tatu, e coberto com pontas espinhosas.

As imagens de Cristo e de Nossa Senhora recorrem frequentemente. O mal monstruoso e diabólico se entrelaça muitas vezes em uma orgia que às vezes toca a pornografia. Conjuntos cartográficos são esboçados com a habilidade de um geógrafo especialista, cujo foco principal está no Mediterrâneo e na Itália – alegorias em que esta última é transformada na perna de uma mulher e se liga carnalmente ao mar (ora um jovem, ora um sátiro de barba). A topografia de Pavia é rica em alusões cósmicas e coincidências simbólicas. Todos estes planos se fundiam, ou melhor, misturavam-se.

O pouco que resta hoje da cidade da época de Opicino não dá nem mesmo uma pálida ideia de como Pavia era, isto é, uma cidade com muitas igrejas (130, apenas dentro das muralhas) e muitas torres (ao menos, 160). Cada lugar assumia um significado preciso, ligado aos nomes das igrejas e das famílias que viviam lá e a rituais ou orações recitadas durante as procissões e cerimônias. Nada – nenhum lugar, nenhuma pessoa – poderia escapar à cerimônia que identificava o nome, a história, o destino futuro (de novo: “se Deus quiser”... *Inch'allah*, como os muçulmanos também costumam dizer).

As casas dos senhores eram bem construídas, muitas vezes com facha-



Juliana de Norwich

Tradução de Marcelo Masson Maroldi

Desejas aprender a intenção do teu Senhor nesta coisa toda? Aprende-o bem: o amor foi sua intenção. Quem o mostrou a ti? Amor. O que mostrou a ti? Amor. Por que o mostrou? Por amor. Permanece assim e aprenderás e saberás mais deste amor, mas nunca, eternamente, saberás nem aprenderás que o amor é outra coisa diferente.